

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

LAURA PARÉ COSTA

A MULHER NEGRA NO ESPAÇO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO:
UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO COMO ENTREVISTADA EM
PROGRAMAS DE TV

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LAURA PARÉ COSTA

**A MULHER NEGRA NO ESPAÇO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO:
UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO COMO
ENTREVISTADA EM PROGRAMAS DE TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo pela Escola de
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dra. Camila Garcia Kieling

Porto Alegre

2019

LAURA PARÉ COSTA

**A MULHER NEGRA NO ESPAÇO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO:
UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO COMO
ENTREVISTADA EM PROGRAMAS DE TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Camila Garcia Kieling (orientador)

Prof. Me. Fabio Canatta

Prof. Dra. Paula Puhl

Porto Alegre

2019

Ao meu vó, Juvêncio Ribeiro Pará,
por ser a minha grande inspiração.

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente aos meus pais e minha irmã, que foram meus maiores incentivadores para realizar esse sonho. Obrigada por me apoiarem, por respeitarem os meus pedidos de silêncio no domingo, por serem meu suporte em todos os momentos.

Aos meus professores, em todos os níveis de educação, por acreditarem no meu potencial. Estudar na PUCRS sempre foi um sonho. Sem vocês eu jamais teria conseguido. À Camila Kieling, obrigada pela generosidade de dividir comigo o teu conhecimento ao longo desta jornada.

Aos meus amigos, por torcerem tanto por mim. Obrigada pelos momentos de escuta, pelos desabafos, pelos risos e choros, pela vontade de ajudar. Em especial, ao Ícaro Kropidloski, pela energia, por ser e estar presente quando eu mais precisei. À Thais Moraes, por ser meu ombro amigo e compreender os momentos em que estive ausente.

Ao YOULAB, a primeira equipe de trabalho que me permitiu ser exatamente do jeitinho que eu sou. Ao Kim Gesswein e à Paola Ramos, obrigada pela oportunidade de fazer parte de um time tão inspirador como o nosso.

A todos os que cruzaram o meu caminho nesta trajetória, obrigada por existirem e me fazerem mais forte. Obrigada pelos encontros, pelos abraços, pelos conselhos, pelos momentos vividos.

Aos que vieram antes de mim, obrigada por me ensinarem o verdadeiro significado de resistência. Essa monografia é nossa!

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora*

(Luedji Luna)

RESUMO

Levando em consideração a urgência do debate sobre questões raciais no Brasil, a presente monografia busca investigar e compreender as estratégias comunicacionais da filósofa e ativista do movimento feminista negro Djamila Ribeiro como entrevistada em programas de televisão. Para as delimitações desta pesquisa, foram selecionados programas de entrevista de canais distintos, sendo duas emissoras de televisão por assinatura e uma pública, além de diferentes formatos jornalísticos. A partir da metodologia de pesquisa da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), foi realizado um estudo da participação de Djamila como interlocutora nos programas *Diálogos com Mario Sergio Conti*, do canal GloboNews, *Saia Justa*, do canal GNT e *Voz Ativa*, da TV Minas, considerando essas as primeiras participações do sujeito estudado em cada um destes programas. Os resultados obtidos apontam para a existência de estratégias comunicacionais no discurso da ativista de acordo com a sua participação em cada um dos programas, nos levando a refletir sobre o lugar de fala a partir do direito à fala do outro.

Palavras-chave: Jornalismo. Televisão. Entrevista. Identidade Negra.

ABSTRACT

Taking into account the urgency about debating racial issues in Brazil, this monograph main goal is to investigate and understand Djamila Ribeiro's communicational strategies in television programs as a philosopher and activist of the black feminist movement. For the delimitations of this research, three interview programs of different TV channels were selected: two of them from television stations by subscription and another from a public one. Besides that, all of them have different journalistic formats. Based on the research methodology of the Content Analysis, proposed by Bardin (2011), a study about Djamila's participation as interlocutor in the TV programs *Diálogos com Mario Sergio Conti* (GloboNews channel), *Saia Justa* (GNT channel) and *Voz Ativa* (TV Minas channel) was done, considering the philosopher's first participations in each one of the programs. The results point to the existence of communication strategies in the activist's discourse according to her participation in each one of the TV programs, leading us to reflect about the place of speech of each one from the right to the speech of the other.

Keywords: Journalism. Television. Interview. Black Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Gráfico de proporção de crianças de 0 a 5 anos de idade que frequentavam escola ou creche, por grupos de idade, segundo cor ou raça e situação do domicílio.....	15
Gráfico 2 - Gráfico de proporção de pessoas ocupadas em trabalhos informais por sexo e cor ou raça.....	16
Gráfico 3 - Gráfico de distribuição percentual da população residente em domicílios particulares, por cor ou raça, segundo as classes de percentual de pessoas em ordem crescente de rendimento mensal domiciliar per capita - Brasil – 2017.....	22
Gráfico 4 - Gráfico do rendimento médio mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça - Brasil, 1995 a 2015.....	23
Figura 1 - Djamila Ribeiro.....	36
Figura 2 - A configuração espacial do programa Diálogos com Mario Sergio Conti.....	41
Figura 3 - A configuração espacial do programa Saia Justa.....	48
Figura 4 - A configuração espacial do programa Voz Ativa.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA BRASILEIRA.....	14
2.1	O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: UM HISTÓRICO DE LUTA CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL.....	17
2.2	GÊNERO, RAÇA E CLASSE: A INTERSECCIONALIDADE NAS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO.....	20
3	A MULHER NEGRA NO JORNALISMO.....	25
3.1	A MÍDIA E O (RE)POSICIONAMENTO DOS LUGARES DE FALA.....	28
3.2	A MULHER NEGRA NO JORNALISMO TELEVISIVO.....	31
4	ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO ENQUANTO ENTREVISTADA EM PROGRAMAS DE TELEVISÃO..	34
4.1	O LUGAR DE FALA DE DJAMILA RIBEIRO.....	36
4.1.1	Um lugar em desconstrução: Análise do Programa <i>Diálogos</i> do Canal GloboNews (2016).....	39
4.1.2	Um lugar entre elas: Análise do Programa <i>Saia Justa</i> do Canal GNT (2017).....	45
4.1.3	Um lugar para informar: Análise do Programa <i>Voz Ativa</i> da TV Minas (2018).....	53
4.2	ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS.....	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
	REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

A constante ausência da participação de mulheres negras no espaço midiático contemporâneo traz à tona a importância do debate sobre a representatividade na construção da identidade negra. De acordo com Hamermüller (2018, p. 47):

outro fator relevante quando se fala em representatividade na mídia é como ela pode ser um meio que dá espaço e voz para as minorias, que muitas vezes não são escutadas na vida real. A mídia oferece um ambiente seguro para que essas vozes alcancem “a maioria” e se tornem mais aceitas.

Assim, a resistência frente à desigualdade racial que assola o nosso país se apresenta de inúmeras formas. Uma delas é a insistente atuação de mulheres negras em programas de televisão, debates, seminários e diversos outros lugares de visibilidade a fim de romper com as barreiras impostas pela sociedade estruturalmente racista. Em entrevista publicada pelo Nexo Jornal ([2019]), Almeida diz que

sabendo que o racismo é estrutural e que, portanto, se manifesta pelos não-ditos, pelos mal entendidos e até mesmo de maneira inconsciente, é fundamental estar atento a todo momento - e falo isso também em relação ao machismo e à homofobia - para não se deixar levar pelas tendências que constituem a sociedade, o que é algo muito difícil.

Em relação às mulheres negras, o racismo é duplamente perverso: atinge-as enquanto mulheres e enquanto negras. Dessa forma, podemos dizer que o racismo é uma das principais causas históricas da violência a qual a população negra está submetida. Para combatê-lo, é preciso falar sobre ele. Entre o cenário de pesquisadores do movimento negro contemporâneo, encontra-se Djamila Ribeiro, mulher negra, ativista feminista e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

A motivação para o estudo da participação de Djamila Ribeiro como entrevistada se dá primeiramente a partir da representatividade que ela, enquanto semelhante a mim na questão fenotípica, proporciona. O fato de Djamila ser uma mulher reconhecida academicamente também estimula a sua escolha como sujeito estudado nesta pesquisa.

A escolha do tema, por sua vez, se deve à necessidade de tratar o pensamento de mulheres negras em primeira pessoa, enquanto sujeitos políticos que precisam de autonomia para serem tratados como tais. Além disso, a ausência do estudo acadêmico sobre elas também explica a necessidade de fazê-lo nesta pesquisa.

Por isso, o objetivo desta monografia é entender de que forma Djamila Ribeiro, enquanto sujeito político, usa o seu lugar de fala para abordar as temáticas ligadas a gênero e raça em três programas de entrevista da televisão brasileira. Serão objetos de estudo os programas *Diálogos*, do canal GloboNews, *Saia Justa*, do canal GNT, e *Voz Ativa* da TV Minas, investigando e compreendendo as estratégias comunicacionais utilizadas por Djamila Ribeiro como entrevistada em tais programas. O critério utilizado para a seleção dos programas foi pela variedade de formatos, e se deu da seguinte forma: o programa *Diálogos*, da GloboNews, possui um caráter mais informativo e é conduzido por um jornalista. Já o programa *Saia Justa*, do canal GNT, é voltado para o entretenimento e é conduzido por uma jornalista com outras mulheres, não necessariamente profissionais de comunicação. Por fim, o programa *Voz Ativa*, da TV Minas, tem um caráter mais informativo, como o primeiro citado, mas é conduzido por um jornalista acompanhado de uma bancada de entrevistadores que variam e, no caso de Djamila, foi composta por mulheres ligadas a cena cultural brasileira. Além disso, destacamos que essas foram as primeiras participações de Djamila nos programas citados.

A possibilidade de reunir duas áreas de interesse, o jornalismo e o estudo do pensamento de mulheres negras, sendo o segundo incipiente na área da comunicação, motiva e torna relevante a nossa escolha.

Além disso, a relevância social se dá a partir do entendimento de que um dos principais meios de comunicação da atualidade é a televisão. Por isso, ocupar esse espaço enquanto sujeito político transforma Djamila em uma voz muito mais potente do que se apenas inserida nos meios digitais.

Dessa forma, faz-se necessário compreender o seu ativismo em diferentes canais de televisão para exemplificar a possibilidade de construção de uma nova narrativa para mulheres negras, que ainda não tem a mesma visibilidade como ela na grande mídia, mas que buscam ultrapassar as barreiras e se inserir neste contexto.

Para isso, a presente monografia será desenvolvida em cinco capítulos, entre os quais estão incluídas a Introdução e as Considerações Finais. O segundo capítulo, *A construção da identidade negra brasileira*, compreende uma breve contextualização sobre o movimento negro brasileiro, no qual abordamos aspectos da história de nosso país para contextualizar de que forma as desigualdades relativas à raça se perpetuaram na sociedade, bem como de que forma as opressões de gênero, raça e classe se interseccionam na manutenção do racismo institucionalizado. O presente

estudo terá como referencial teórico autores como Hall (2000), Domingues (2007), Crenshaw (2004) e Ribeiro (2017) que darão sustentação às discussões sobre identidade, o movimento negro no Brasil e a relação entre as desigualdades de gênero, raça e classe.

O terceiro capítulo, *A mulher negra no jornalismo*, busca investigar a participação feminina negra na mídia. Os subcapítulos compreendem um estudo sobre a mídia e o seu reposicionamento dos lugares de fala, para contribuir com a desconstrução da visão racista que atinge mulheres negras, bem como a inserção deste grupo social nos programas de televisão, objetos de pesquisa desta monografia. Para isso, especificamente para tratar sobre a vivência de mulheres negras, serão importantes as contribuições das autoras Carneiro (2003), Coutinho (2010) e também Djamila Ribeiro (2017). Para resgatar os conceitos acerca da representação do sujeito na mídia, serão usados como referencial teórico Kellner (2001) e Woodward (2000). Além destes, Fávero (1998 e 2000) será importante para contribuir sobre os conceitos acerca da entrevista.

E, por fim, no quarto capítulo, a *Análise da participação de Djamila Ribeiro enquanto entrevistada em programas de televisão*, será realizada uma análise para compreender de que forma a ativista molda a sua fala em três programas de entrevista. Para isso, será realizada uma breve apresentação do sujeito analisado nesta pesquisa para a melhor compreensão da mesma. Além disso, a utilização de Ribeiro (2017) como referencial teórico possibilita alinhar e compreender o seu discurso, tanto midiático quanto editorial, de forma mais clara. Para esta pesquisa, foi escolhida a metodologia de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), a fim de investigar a existência de estratégias comunicacionais no discurso de Djamila nos programas de televisão, assim como identificar de que forma elas são abordadas pela ativista.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentamos uma breve contextualização sobre a construção da identidade negra brasileira, compreendendo o movimento negro no Brasil e a intersecção de gênero, raça e classe para o combate das desigualdades. No Brasil, ser negro é um ato político. Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido há mais de 130 anos, os resquícios do período colonial e imperial ainda atingem de forma estrutural e estruturante a identidade da população negra. Para melhor compreensão desta pesquisa, é importante salientar que a construção identitária não é algo fixo ou estável. De acordo com a concepção sociológica da questão, Hall (2005, p. 11) explica que

a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Sobre essa perspectiva, cabe reconhecer também que não podemos agrupar a identidade em torno da raça. Hall (2005) esclarece que a raça não é uma categoria biológica, e sim discursiva. Ainda segundo o autor, a cor da pele e outras características físicas e corporais se apresentam como marcas simbólicas que diferenciam um grupo social de outro.

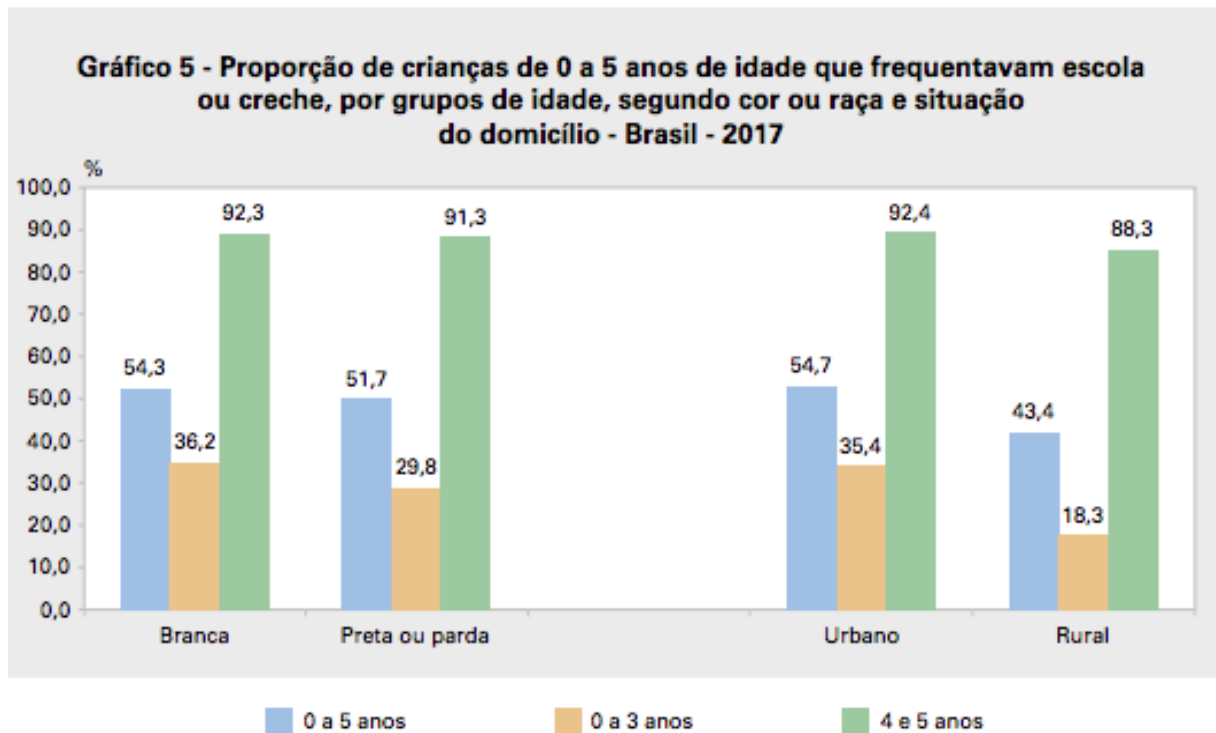
No passado, essas marcas foram determinantes para a condição de vida dos negros escravizados. Dessa forma, podemos afirmar que a desumanização a que os negros estiveram submetidos na história pode influenciar ainda nos dias atuais. A criação de políticas públicas que visibilizem as questões que permeiam os direitos fundamentais da população negra tem um papel importante para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, a fim de romper as barreiras impostas durante o período escravocrata.

Entre tais políticas do período imperial, destaca-se aqui a Reforma¹ de Couto Ferraz¹, que negou o direito à educação pública aos escravos através do Decreto nº 1.331 de fevereiro de 1854 (SANTOS *et al.* 2013). A exclusão educacional da população negra está presente ainda na atualidade, como mostram os dados

¹ Luiz Pedreira do Couto Ferraz nasceu em 1818, na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Direito, iniciou a sua carreira política em 1844 como deputado na Câmara Provincial do Rio de Janeiro. Em 1848, esteve à frente da província do Rio de Janeiro como presidente. Ficou conhecido pela Reforma Couto Ferraz, um regulamento que previa organização e controle das instruções primária e secundária no Brasil.

divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), em 2017, "as crianças de 0 a 5 anos pretas ou pardas frequentavam menos escola ou creche que as crianças brancas", como mostra o Gráfico 1.

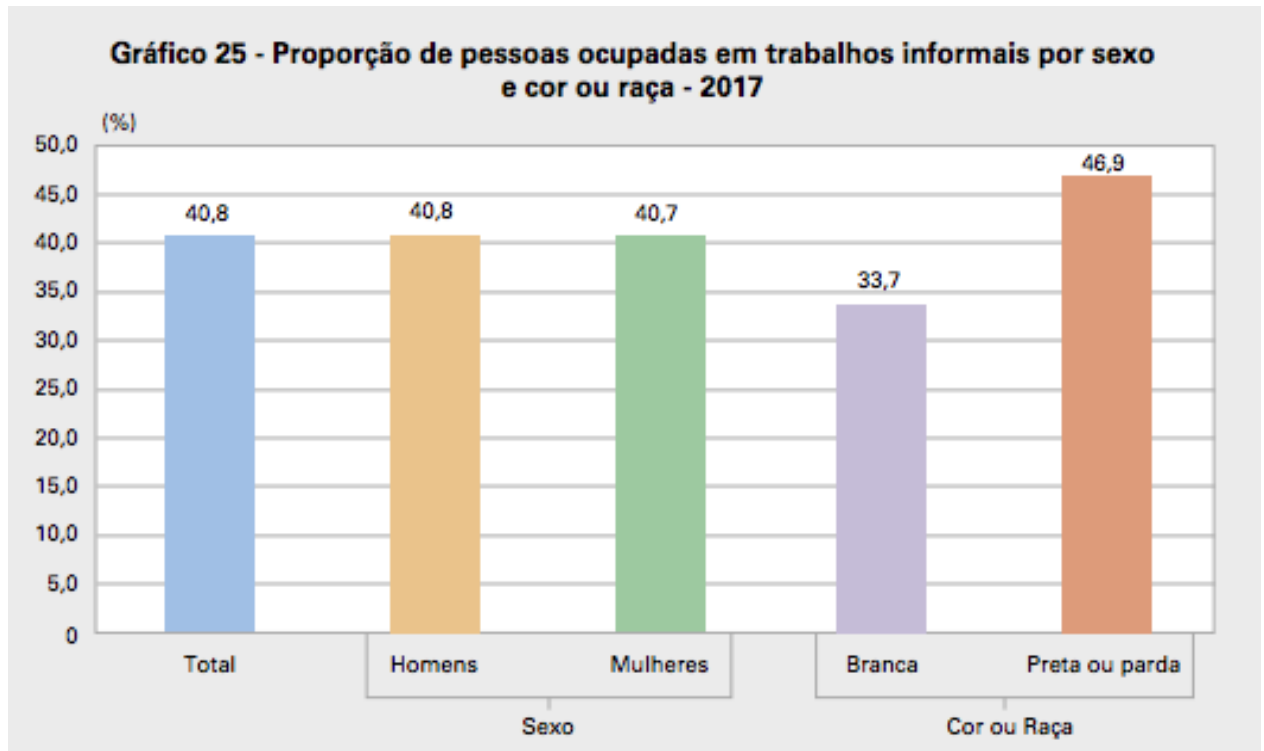
Gráfico 1



Fonte: PNAD/IBGE (2017)

Quando analisamos os dados referentes ao ingresso de pretos e pardos no ensino superior, é notório que o acesso à educação é limitado. Segundo a pesquisa, enquanto 51,5% dos brancos com ensino médio completo conseguiram ingressar no ensino superior, apenas 33,4% dos pretos e pardos nas mesmas condições ingressaram nesse nível. Podemos afirmar também que melhores oportunidades no mercado de trabalho e, conseqüentemente, melhores condições de vida estão diretamente ligadas ao acesso à educação. Dados mostram que a taxa de pessoas ocupadas em trabalhos informais é maior entre negros e pardos, como explica o Gráfico 2. A informalidade, por sua vez, perpetua a ausência de direitos básicos garantidos aos trabalhadores formais, como a aposentadoria e o salário mínimo, aumentando ainda mais a desigualdade social.

Gráfico 2



Fonte: PNAD/IBGE (2017)

Logo, é possível dizer que a construção da identidade é perpassada por diversos fatores, sejam eles recentes ou antigos. Na atualidade, cabe reconhecer que os movimentos sociais têm um caráter histórico no que diz respeito a luta pela inclusão social e a garantia dos direitos fundamentais de uma determinada comunidade, uma vez que são responsáveis pela articulação e impulsionamento da institucionalização das questões levantadas pelos grupos sociais. Neste sentido, a respeito da importância dos movimentos sociais, Gohn (2011, p. 336) pontua que: "ao realizar essas ações, (os movimentos sociais) projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo."

Nesse contexto, é fundamental compreender a importância da identificação com um determinado grupo a fim de se sentirem representados.

De acordo com Hall (2000, p. 106):

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.

Além disso, faz-se necessário compreender o momento político, econômico e sociocultural quando tais articulações acontecem. Para entendermos melhor as reivindicações pautadas pela população negra, o subcapítulo a seguir compreende um resgate histórico do movimento negro brasileiro.

2.1 O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: UM HISTÓRICO DE LUTA CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL

A resistência frente à desigualdade racial que assola o nosso país se apresenta de inúmeras formas. Na história do Brasil, podemos identificar diversos momentos que tiveram um papel essencial na construção do que hoje se entende como movimento negro.

De acordo com Domingues (2007, p. 101), o movimento negro pode ser definido como:

[...] a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

Neste contexto, a articulação do movimento deu-se especialmente para lutar por uma sociedade antirracista e promover a inclusão social. No período da escravatura, podemos citar a importância dos quilombos na resistência frente à escravidão. Na época, os negros escravizados reuniam-se em grupos para articularem possíveis fugas, bem como para manterem vivos os seus valores e suas práticas religiosas e socioculturais.

Sobre os quilombos, Leite (2000, p. 335) afirma:

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado.

Já no século XX, destaca-se também o papel exercido pela Frente Negra Brasileira (FNB) no que diz respeito à mobilização racial negra no Brasil. Ainda de acordo com Domingues (2007, p. 106):

A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além

de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça*.

Organização política criada em São Paulo no ano de 1931, a FNB tinha como objetivo estimular a união dos negros, bem como lutar pelos direitos civis da população afrobrasileira. Fundada por Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite, a instituição denunciava os problemas enfrentados pela população negra e cobrava soluções através do *A Voz da Raça*, um jornal com clara conotação política.

Neste âmbito, cabe fazer um comparativo entre os direitos civis conquistados nos Estados Unidos e no Brasil. O movimento que aconteceu nas décadas de 1950 e 1960 nos EUA também tinha como objetivo garantir a igualdade de direitos entre brancos e negros. Para isso, neste período, foram criadas diversas iniciativas para avançar na luta antirracista. Entre elas, podemos destacar a promoção de políticas de ação afirmativa e a ultrapassagem da segregação. Tal avanço se mostrou eficiente no que diz respeito à garantia de uma democracia racial no cenário americano, no entanto, no contexto brasileiro não se pode ver da mesma forma. Andrews (1985) conclui que nada refuta mais o "mito da democracia racial", que falaremos mais adiante, do que a extensa história da luta dos negros neste país. Sobre o constante enfrentamento da negação de direitos que acomete a população negra, Andrews (1985, p. 54) afirma:

Nos últimos cem anos, nota-se uma progressão, desde o movimento abolicionista dos anos 1870 e 80, através das organizações culturais e políticas do período pós-1920 (a mais proeminente das quais foi a Frente Negra Brasileira, banida por Getúlio Vargas em 1937), até o Movimento Negro Unificado de hoje. Esses movimentos são uma evidência conclusiva - como se fosse necessária - da contínua existência da discriminação e desigualdade racial na multirracial sociedade brasileira.

A criação de políticas públicas com o objetivo de reparar a dívida histórica com a população afro-brasileira também integra as pautas do movimento. Uma das ações de política afirmativa, popularmente conhecida como Lei de Cotas, foi institucionalizada no ano de 2012 pela então presidente Dilma Rousseff. A Lei nº 12.711/2012 prevê a reserva de 50% do total de vagas para negros, pardos e índios oriundos de escola pública em instituições federais de ensino superior.

Anterior a essa medida, em 2004, o Programa Universidade Para Todos (PROUNI) já apresentava às minorias uma oportunidade de ingresso no ensino superior em instituições privadas do país. Por meio da nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), estudantes oriundos de escolas públicas podem tentar o

ingresso no ensino superior privado com bolsas parciais ou integrais, mediante a comprovação de baixa renda. Tal medida já atendeu, desde a sua criação até o processo seletivo do segundo semestre de 2016, mais de 2,47 milhões de estudantes, sendo 69% com bolsas integrais.

Outro aspecto abordado pelo movimento denuncia a violência contra os negros. A campanha "Vidas Negras", lançada em novembro de 2017 pela Organização das Nações Unidas (ONU), pretende alertar a sociedade sobre o genocídio da população negra. De acordo com o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado pelo Atlas da Violência em 2018, o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco.

Dessa forma, ainda que em nosso país cerca de 53% da população brasileira se autodeclare preta ou parda, segundo o IBGE, podemos afirmar que a democracia racial no Brasil é um mito. Mesmo que o senso comum categorize o Brasil como "um país sem raças", uma vez que a miscigenação se faz presente no que tange às características fenotípicas dos indivíduos, tal aspecto se mostra como uma justificativa para negar a história e os traços característicos da população negra.

Sobre uma das consequências do mito da democracia racial, juntamente com a política de branqueamento², Bernardino (2002, p. 255) aponta:

[...] essa recusa de reconhecer raças no Brasil é uma recusa estratégica que ocorre somente em momentos de conceder eventuais benefícios àqueles que são identificados como membros do grupo de menor status. A não separação de raças do ponto de vista biológico tampouco significa que elas não estejam separadas, do ponto de vista social, da concessão de privilégios e distribuição de punições morais, econômicas e judiciais. Neste sentido, contrariando a interpretação racial hegemônica no Brasil e respaldado nos diversos estudos realizados no campo das relações raciais, desde pelo menos os estudos da Unesco, advogamos que a raça existe, não como uma categoria biológica, mas como uma categoria social.

Neste contexto, cabe destacar que a luta antirracista atual vem sendo pautada fortemente pelas interseccionalidades, ou seja, pela forma como as opressões se relacionam. Tal recorte é feito especialmente pelo feminismo negro e se faz necessário à medida que até os dias atuais o movimento feminista eurocêntrico não

² De acordo com Bernardino (2002, p. 253) [...] a tese do branqueamento, compartilhada pela elite brasileira, era reforçada, de um lado, por uma evidente diminuição da população brasileira negra em relação à população branca devido, entre outros fatores, a uma taxa de natalidade e expectativa de vida mais baixas e, por outro lado, devido ao fato de a miscigenação produzir uma população gradualmente mais branca.

contemplou pautas referentes às vivências das mulheres negras. Neste quadro, podemos citar as contribuições de Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Joice Berth, Lélia Gonzalez, Angela Davis, bell hooks e tantas outras mulheres que lutam por uma sociedade antirracista.

Entende-se o feminismo negro, segundo Sebastião (2010, p. 66) como "movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras comprometido com a mudança social e atuante num campo ideológico no qual estão inseridas". Além disso, apresentamos, então, uma diferenciação fundamental no termo feminismo negro: são mulheres negras se colocando como agentes de mudança, não apenas preocupadas com as opressões que as atingem diretamente, mas também em projetar novas visões e contrapontos ao modelo de feminismo proposto atualmente.

2.2 GÊNERO, RAÇA E CLASSE: A INTERSECCIONALIDADE NAS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO

Para compreender as intersecções entre gênero, raça e classe, é importante pontuar que a discriminação racial é uma das principais causas históricas da violência a qual a população negra está submetida. Dessa forma, cabe reconhecer que, em uma sociedade em que o racismo também se manifesta de forma institucional, a mulher negra é o indivíduo mais frágil socialmente, uma vez que é oprimida tanto pela raça quanto pelo gênero. Mais à frente, abordaremos de que forma a classe social também as coloca nessa posição.

Nesse contexto, o racismo institucional pode ser compreendido como estruturas de poder que se manifestam com o objetivo de perpetuar a desigualdade e a negação de direitos de um determinado grupo social. No artigo "Reflexões sobre o conceito de racismo institucional", López (2013, p. 81) explica que

(o racismo institucional) atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam na distribuição desigual de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial.

Dessa forma, é necessário admitir que tal expressão também perpassa as relações interpessoais, uma vez que o preconceito racial oferece, direta ou

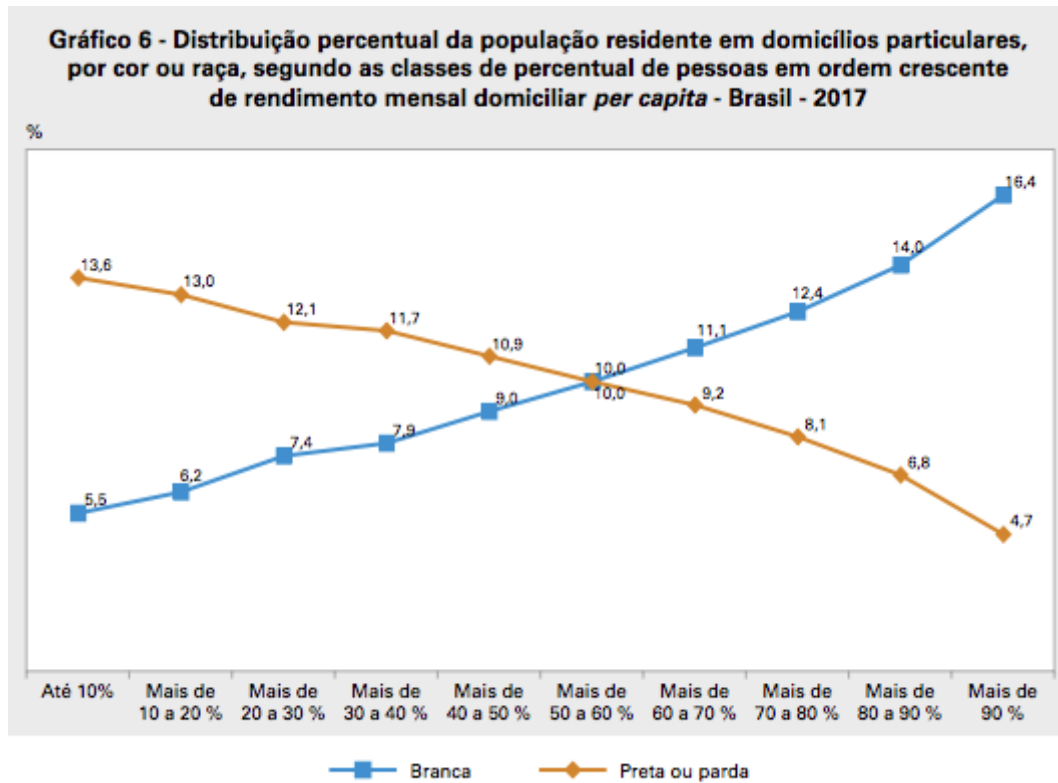
indiretamente, um lugar de privilégio na sociedade a um grupo específico. Ribeiro (2017, p. 86), sujeito analisado nesta pesquisa, aponta que

o fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.

O racismo também se manifesta de forma direta e individual. De acordo com uma análise do Atlas da Violência 2018, organizado em parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), podemos afirmar que vivemos em um país que diferencia os indivíduos pela cor da pele de maneira ainda mais perversa. Cabe aqui reforçar que as opressões de raça e de gênero não atuam de forma isolada. Não é possível dizer que uma opressão não acontece enquanto outra se manifesta, justamente porque elas atuam em conjunto, elas interseccionam-se. A visão habitual do que é discriminação aponta que estamos falando sobre categorias diferentes de pessoas. Conforme Crenshaw (2004, p. 10): "a interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos".

Da mesma forma se dá a relação destas opressões com a classe social do indivíduo. De acordo com a "Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira", uma publicação divulgada pelo IBGE (2018), quando analisamos a distribuição do rendimento domiciliar *per capita* por cor ou raça, a desigualdade de renda também se faz presente. O Gráfico 3 mostra que enquanto 16,4% da população branca estava entre os 10% com maiores rendimentos, apenas 4,7% da população preta ou parda encontrava-se nessa mesma classe de rendimentos em 2017.

Gráfico 3

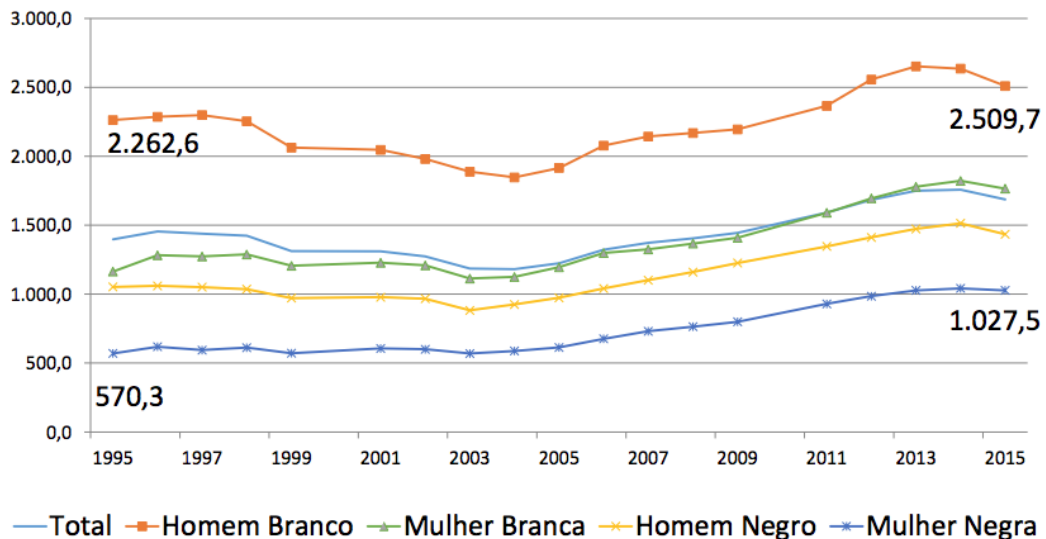


Fonte: PNAD/IBGE (2017)

Para além dessa perspectiva, é importante pontuar a diferenciação existente entre mulheres e homens no que se refere ao rendimento mensal. De acordo com os dados do Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, em 2015, os maiores rendimentos são dos homens brancos, seguido das mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, respectivamente, como mostra o Gráfico 4. Deste modo, fica claro que, embora homens negros também sofram com o racismo, não estão no mesmo lugar social em que as mulheres negras se encontram. Portanto, a classe social se mostra mais uma vez diretamente ligada ao gênero deste grupo. Além disso, compreendemos que, ainda que mulheres brancas e homens negros sofram outros tipos de opressão, as mulheres negras são ainda mais oprimidas.

Gráfico 4

Rendimento médio mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça – Brasil, 1995 a 2015



Fonte: Pnad/ IBGE Elaboração: IPEA/DISOC/NINSOC * rendimento do trabalho principal deflacionado com base no INPC, período de referência set./2015

Fonte: PNAD/IBGE (2015)

Nesse contexto, se faz necessário especificar de forma particular as opressões vivenciadas por essas mulheres, não no sentido de hierarquizar violências, mas a fim de reconhecer que não se manifestam de forma isolada. Sobre essa questão, Ribeiro (2017, p. 40): "Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras". Assim, podemos afirmar que se um grupo está em um lugar de maior vulnerabilidade social, é importante nomeá-lo para que novas políticas públicas sejam criadas e contempladas a fim de reduzir essas desigualdades. Nomear as opressões e quem as sofre contribui para que elas sejam vistas como prioridade para serem resolvidas.

Deste modo, podemos afirmar que gênero, raça e classe se estabelecem nas relações de poder e dominação. As estruturas de opressão se mantêm ativas quando as relações entre poder e identidade indicam tão fortes desigualdades. Além disso, para que se mantenham as estruturas de poder como dominantes, é notório que elas sejam vistas como universais, como se todos os indivíduos tivessem a mesma vivência e, assim, legitimem ou deslegitimem outras identidades que não se encaixam de alguma forma naquele padrão. Ribeiro (2017, p. 31) explica:

O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades.

Neste contexto, o feminismo negro assume um papel importante no que diz respeito não somente à luta pela garantia dos direitos fundamentais das mulheres negras, mas também no sentido de pautar a raça juntamente com estes aspectos citados que caracterizam a desigualdade a que tais mulheres são submetidas. No capítulo a seguir, aprofundaremos a participação negra feminina na mídia, compreendendo o reposicionamento dos lugares de fala e as formas como este grupo social é representado no jornalismo televisivo.

3 A MULHER NEGRA NO JORNALISMO

No capítulo anterior, foi estudada a construção da identidade negra brasileira, bem como aspectos históricos referentes ao movimento negro e as relações existentes entre gênero, raça e classe. Neste capítulo, propomos a reflexão sobre a imagem e o papel da mulher negra no jornalismo, assim como de que forma e em que contexto elas são citadas. O estudo se propõe a dialogar com a ideia de narrativas jornalísticas que distanciem a visão estereotipada da mulher negra na comunicação e a coloquem numa posição de sujeito político. Neste sentido, reconhecemos a importância deste tema uma vez que Djamila, sujeito estudado nesta pesquisa, atua desta forma enquanto militante do movimento feminista negro.

Para melhor compreensão deste tópico, resgatamos alguns pontos referentes à história da imprensa negra brasileira. Tal termo surgiu por volta de 1899, tendo em vista a necessidade de a comunidade negra almejar uma imprensa alternativa para serem melhor representados. Domingues (2007, p. 105) destaca algumas destas questões:

Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de "segregação racial" que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas.

Os primeiros jornais registrados com essa segmentação surgiram antes da Frente Negra Brasileira, citada no capítulo anterior. O jornal *A Pátria*, de 1899, que tinha como subtítulo *Órgão dos Homens de Cor* foi o primeiro deles, na cidade de São Paulo. De acordo com Domingues (2007, p. 104): "Um dos principais jornais desse período foi o *Clarim da Alvorada*, lançado em 1924, sob a direção de José Correia Leite e Jayme Aguiar." Souza (2007) explica que o jornal tinha o objetivo de mobilizar os negros a terem uma representatividade mais abrangente e que simbolizasse todas as classes negras.

Cabe aqui resgatar os modos de comunicação existentes entre os negros durante o período da escravatura, uma vez que pesquisas atuais mostram a relação

existente entre os negros escravizados e o mundo letrado. Segundo Barbosa (2017, p. 161) sobre a relação dos escravos com o mundo da leitura:

Dos anúncios que os periódicos publicavam emergem textos procurando por aqueles que se rebelavam e fugiam. Nesses, as marcas de seus corpos e suas diversas aptidões são descritas para facilitar o seu reconhecimento: entre elas, figurava o fato de “saber ler e escrever”.

Neste contexto, o letramento se igualava à liberdade. Ainda de acordo com Barbosa (2017, p. 161): "o desejo máximo de todos os que viviam em condições de escravização estava inscrita na carta de alforria, ou seja, somente teria o direito de liberdade (e por consequência, de cidadania) concedido àqueles que sabiam ler e escrever." Neste sentido, é importante pontuar a similaridade do desejo dos afro-brasileiros, no tempo passado e no presente, de serem reconhecidos como cidadãos e como humanos.

Ao longo da história, foram criados mecanismos fundamentais para que o negro fosse colocado como centro e se sentisse representado nos meios de comunicação. Podemos destacar aqui o papel social exercido pela revista *Raça Brasil*, criada em setembro de 1996. A revista adotava um discurso potente a fim de combater o racismo e as desigualdades, bem como promover a autoestima da população negra por meio da visibilidade de profissionais de sucesso e auxiliar na construção da identidade da sociedade multirracial. Sobre a Revista, de acordo com Souza (2007, p. 33):

[...] foi chamada de a “**Revista dos Negros**” por ser pioneira em retratar os mesmos sem os estereótipos típicos. Surgiu com a missão de afirmar o orgulho de milhões de afro-brasileiros. Em sua primeira publicação vendeu cerca de 280 mil edições e foi considerada um marco nos meios de comunicação de massa.

Além disso, segundo Souza (2007, p. 34): "no período em que a Revista foi criada, ainda não havia uma discussão aprofundada sobre o conceito de etnia, pois acreditava-se na diferença entre as raças." A ideia de que algumas raças são superiores às outras existe há muito tempo, no entanto, pesquisas científicas já comprovaram a existência de uma única raça: a humana. De acordo com Guimarães (2003, p. 96),

[...] é impossível definir geneticamente raças humanas que correspondam às fronteiras edificadas pela noção vulgar, nativa, de raça. Dito ainda de outra maneira: a construção baseada em traços fisionômicos, de fenótipo ou de genótipo, é algo que não tem o menor respaldo científico.

Essa perspectiva dialoga com a visão de Hall apresentada anteriormente sobre o conceito de raça. Hall (2005, p. 62) afirma que "a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica." Ou seja, ela é uma categoria discursiva e que atua como marca simbólica para diferenciar grupos sociais (HALL, 2005).

Entre as experiências atuais existentes no que diz respeito a participação negra feminina, podemos citar publicações online e o poder das redes sociais na construção de uma luta antirracista. Neste sentido, reconhecemos *Az Mina*, uma instituição sem fins lucrativos, como uma das formas de utilizar a informação para romper com as inúmeras violências que atingem as mulheres brasileiras. Dentro da instituição, existe ainda a *Revista Az Mina*³, uma publicação digital e gratuita que traz à tona assuntos cotidianos através do jornalismo investigativo. Envolvendo a questão negra, os temas frequentes são o feminismo negro, as mulheres como referências em diversos espaços e a política. Integram na equipe de 20 mulheres as repórteres especiais Juliana Luna e Ana Paula Lisboa, as únicas mulheres negras da revista.

Outra publicação digital significativa no que diz respeito às questões raciais no Brasil é o *Portal Geledés*⁴. Criado em abril de 1988, a página trata sobre as questões de gênero e diversidade, bem como a construção da identidade afro brasileira e a ascensão do negro nas mais diversas áreas, sempre destacando a importância do recorte racial nas pautas.

Cabe ainda destacar a ascensão dos canais no YouTube que pautam desde as relações étnico-raciais no Brasil até a estética negra. Neste contexto, as influenciadoras digitais Nátaly Neri do canal *Afros e Afins*⁵ e Gabi Oliveira do canal *DePretas*⁶ assumem um papel importante no que se refere à visibilidade das pautas sobre a negritude brasileira.

Dessa forma, os meios de comunicação, em geral, têm constituído um espaço de interferência no que diz respeito ao movimento de mulheres negras, uma vez que a reprodução do racismo e do sexismo na mídia intensifica estereótipos que acometem sistematicamente o valor social deste grupo. Sobre a forma como os meios

³ Disponível em <<https://azmina.com.br/sobre/quem-somos/>>. Acesso em 10 mai 2019.

⁴ Disponível em <<https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>>. Acesso em 10 mai 2019.

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/afroseafins>>. Acesso em 10 mai 2019.

⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/gabidepretas>>. Acesso em 10 mai 2019.

de comunicação atuam na reprodução de discriminação de raça e gênero, Carneiro (2003, p. 125) afirma:

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção dos sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra.

Assim, o empoderamento de mulheres negras, bem como a proposição de novas narrativas que as contemplem como sujeitos fora do contexto de subserviência, contribuem para o deslocamento da visão estereotipada deste grupo. No subcapítulo a seguir, abordaremos de forma mais consistente o papel fundamental da mídia na construção das relações étnico-raciais.

3.1 A MÍDIA E O (RE)POSICIONAMENTO DOS LUGARES DE FALA

As pautas identitárias têm ganhado visibilidade e repercussão na mídia à medida em que são cobradas soluções para as inúmeras violências a que pessoas negras estão submetidas cotidianamente. Um passo importante sobre essa questão traz à tona o papel do feminismo negro no sentido de explorar a interseccionalidade das opressões que permeiam a vivência da população afro-brasileira. De acordo com Ribeiro (2017, p. 13): "Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade."

Nesse sentido, a mídia assume um papel importante no que diz respeito à visibilidade de causas e pautas sobre as minorias e as relações étnico-raciais. Muito influenciada pelo teor impositivo das redes sociais, hoje entende-se que é preciso abrir espaço para que outras vozes possam falar. Ribeiro (2017) aponta ainda um conceito fundamental sobre autoridade discursiva. Segundo a autora, é importante que pensemos quem foram as pessoas autorizadas a falar até hoje, para compreender de que forma tal ação pode ser rompida a fim de explorar novas visões de mundo, novas vivências, novos conceitos.

A hierarquização dos saberes, aliada à falta de visibilidade, colabora para que se perpetue uma verdade universal (RIBEIRO, 2017). Por isso, ao compreendermos que existem muitas vozes para falar, e não mais uma única e universal, podemos

romper com a autoridade discursiva, ou seja, todos podem falar de lugares diferentes. A abordagem da autora consiste em enfatizar que o conceito de lugar de fala parte da ideia de romper com o discurso hegemônico, ao mesmo tempo em que são construídos discursos potentes pelos grupos marginalizados.

Para além da importância do conceito de lugar de fala, cabe aqui pontuar que pessoas e grupos sociais que ocupam um lugar de privilégio na sociedade precisam compreender de que forma se mantém nessa condição de poder. Ao compreender os privilégios existentes, é preciso lembrar que não deixarão de ser beneficiados pelas opressões que outros grupos sofrem. Não cabe aqui se ver como culpado por isso, mas reconhecer que, apesar da luta antirracista, se faz necessário lembrar a todo momento o quão beneficiadas as classes privilegiadas são. Neste sentido, ao percebermos que partimos de um lugar social diferente, conseguimos entender que as questões que constroem a vivência do outro, nos posicionam de forma distinta no mundo.

Na mídia, entretanto, tal conceito vem sendo abordado de forma superficial. Podemos afirmar que, embora somente uma pessoa negra possa explicar como é experienciar o racismo, por exemplo, isso não quer dizer que ela está apta apenas para falar sobre essa questão. Além disso, de acordo com Ribeiro (2017, p. 64), "absolutamente não tem a ver com a visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo". A autora aponta ainda para o fato de que é importante romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, uma vez que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se propõem a se pensar dentro de tal contexto. Dessa forma, é fundamental compreender que os oprimidos também podem falar sobre outros lugares: podem falar sobre astrologia, ciência, medicina, e não apenas sobre as opressões que vivem.

Neste contexto, as mulheres negras vêm tomando frente no sentido de propor novas narrativas, bem como novas formas de atuação na luta antirracista. Sobre essa questão, Carneiro (2003, p. 126) pontua:

As mulheres negras vêm atuando no sentido de não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também da capacitar suas lideranças para o trato com as novas tecnologias de informação, pois falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas.

Além disso, entendendo que a linguagem faz parte dos mecanismos de poder, é fundamental salientar a importância de uma comunicação democrática do saber.

Além de fugir dos estereótipos racistas e sexistas que permeiam a vivência das mulheres negras, reconhecemos a influência da cultura da mídia sobre as sociedades contemporâneas. De acordo com Kellner (2001, p. 9):

A cultura de mídia também fornece o material com o que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de "nós" e "eles". Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral.

Por isso, é fundamental compreender a importância da representatividade no que diz respeito à evidência de mulheres negras em posições de poder e centralidade, e não mais de submissão. Nesse sentido, podemos citar a visibilidade deste grupo social na série *Antônia*, exibida nos anos de 2006 e 2007 na Rede Globo. De acordo com Coutinho (2010), o seriado retrata o sonho de quatro mulheres negras e pobres, moradoras de uma favela em São Paulo, de alcançarem sucesso como um grupo musical de rap em meio a tantas dificuldades que transpassavam suas existências. Tal série pode ser entendida como um marco na história da televisão brasileira, uma vez que, por mais que não tenham rompido com alguns estereótipos, pode contribuir para a centralidade do viver de mulheres negras em um canal aberto de televisão.

Na produção televisiva brasileira, destacamos a representação do negro em um dos produtos culturais de maior impacto dessa mídia: as novelas. Segundo Coutinho (2010, p. 106), "o primeiro personagem negro de destaque em uma novela nacional foi a Mamãe Dolores de *O Direito de Nascer*, interpretada pela atriz Isaura Bruno", em 1964 e 1965. A novela *Xica da Silva*, veiculada pela extinta TV Manchete em 1996, foi a primeira novela brasileira a ter uma atriz negra como protagonista, interpretada pela atriz carioca Taís Araújo (COUTINHO, 2010). Na atualidade, segundo o Memória Globo, a atriz também foi a primeira protagonista negra de uma novela contemporânea e urbana, com a personagem Preta na novela *Da Cor do Pecado* veiculada em 2007.

A representatividade na mídia, por sua vez, assume um caráter fundamental na construção da identidade de minorias, por exemplo. A partir do momento em que se apresentam novas possibilidades do que os sujeitos podem ser e fazer, contribui-se para o direito à existência dos mesmos. No próximo subcapítulo, trataremos de forma mais aprofundada a participação das mulheres negras no jornalismo televisivo, bem

como a sua representação nos programas de entrevista, objetos analisados nesta pesquisa.

3.2 A MULHER NEGRA NO JORNALISMO TELEVISIVO

Para melhor compreensão deste subcapítulo, faz-se necessário resgatar a importância dos meios de comunicação de massa no que diz respeito à construção da identidade do sujeito e os mecanismos utilizados para tal. De acordo com Emery (1973, p. 21), o conhecimento desta área pode ser dividido em dois aspectos, como explica a seguir:

O estudo da comunicação de massa apresenta, portanto, dois aspectos: uma compreensão ampla dos meios mecânicos utilizados e a conscientização da responsabilidade inerente ao processo de informar, inspirar, convencer, atemorizar e entreter as pessoas.

Essa perspectiva dialoga com a visão de Hall (2005) a respeito da construção da identidade. O autor explica que a identidade é formada ao longo do tempo por processos inconscientes, ou seja, ela permanece sempre incompleta e em construção. Conforme Hall (2005, p. 39): "a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*".

Nesse sentido, a forma como os indivíduos são vistos uns pelos outros se relaciona com a ideia de representação do sujeito, apresentada por Woodward (2000, p. 17).

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Dessa forma, especialmente no que se refere à presença da população negra na mídia, a forma como os sujeitos são representados pode influenciar de maneira positiva ou não a quem os assiste, sejam eles negros ou não. Reflexo do racismo institucionalizado na sociedade brasileira, a mídia ainda tem colocado e reforçado a população negra como um grupo social marginalizado e subserviente. Conforme Lima (1996, p. 65), "a existência de uma identidade negra deformada e estereotipada

presente em diversos produtos da comunicação social é responsável pela construção de novas identidades que refletem aquela". Daí a importância de apontar melhorias aos veículos de comunicação de massa no que diz respeito ao processo de informar, inspirar, convencer, atemorizar e entreter as pessoas.

No espaço jornalístico contemporâneo, especialmente na televisão, a aparição das mulheres negras ainda pode ser considerada recente. A jornalista Glória Maria Matta da Silva, conhecida como Glória Maria, foi a primeira repórter negra da televisão brasileira. Segundo o *Memória Globo*, um site que reúne a trajetória de diversos profissionais da emissora, sua estreia aconteceu em 1971 na cobertura do desabamento do Elevado Paulo de Frontin pela TV Globo. A carioca foi também a primeira repórter a entrar ao vivo no *Jornal Nacional*. De 1998 a 2007, esteve à frente do programa *Fantástico* ao lado de Pedro Bial e, desde 2010, integra a equipe do *Globo Repórter*.

Outro exemplo, agora mais recente, é a trajetória da jornalista Maria Júlia Coutinho, popularmente conhecida como Maju, que foi a primeira mulher negra a assumir a bancada do *Jornal Nacional*. O programa, que completa 50 anos em 2019, teve a estreia de Maju como âncora apenas em 16 de fevereiro do presente ano. Além destas, reconhecemos também a trajetória do jornalista Heraldo Pereira, o primeiro homem negro a assumir a bancada do *Jornal Nacional*, em 2002. Ainda que tais inserções sejam importantes e significativas, faz-se necessário questionar o porquê demoramos tanto tempo para que a população negra pudesse ser vista como protagonista no que diz respeito ao exercício de suas profissões.

Dessa forma, a televisão pode ser entendida como uma forma de construção social da realidade, pois representa e informa aquilo que acontece mundo afora. Sob o contexto ficcional da série *Antônia*, veiculada em 2007 pela Rede Globo, Coutinho (2010, p. 65) expõe que

A televisão, em especial, dificilmente apresenta alguma inovação na representação da sociedade. Ou seja, ela não choca, nem abre caminhos, mas evolui e consolida caminhos já abertos, com mudanças pontuais e reguladas, em direção a uma representação menos estereotipada.

Os programas de entrevista, objetos de estudo desta pesquisa, por sua vez, pretendem a troca de informações. Segundo Fávero (2000, p. 69), "enquanto gênero jornalístico, a entrevista pode ser definida como uma técnica eficiente na obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário". O autor aponta ainda para o fato de

que, tanto o entrevistador quanto o entrevistado possuem a tarefa de informar e convencer o público. Neste sentido, podemos afirmar que assumem um duplo papel de interação: são cúmplices, no sentido do que se pretende realizar, a comunicação, mas são opostos quanto a conquista desse público.

Assim sendo, segundo Fávero (2000) é possível alegar que as entrevistas se dividem de duas formas: de um lado, temos um formato que adota como critério causar uma boa impressão na audiência, respeitando a fala e evitando agressividades. De outro, temos um formato que assume a polêmica como gancho para prender o telespectador, mesmo que tal procedimento se faça presente por meio da desqualificação de um dos interlocutores, e assim, fomentando agressividades.

Neste sentido, uma das particularidades do racismo é fazer com que mulheres negras sejam vistas como agressivas quando se apresentam contrárias às representações depreciativas sobre as suas vivências. Ribeiro (2017, p. 79) afirma que "a tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder". Ou seja, quando o poder deixa de ser a norma e se rompe a autorização discursiva, as outras vozes existentes podem ser vistas como agressivas porque estão contrapondo o poder hegemônico.

No que diz respeito à interação em uma entrevista, segundo Fávero (2000, p. 70) "é preciso considerar a situação, as características dos participantes e as estratégias por eles utilizadas durante o evento". Assim sendo, a forma como o programa é conduzido também pode ser entendida como uma forma de poder, uma vez que um conjunto de traços podem evidenciar a dominância, seja do entrevistador ou do entrevistado, no decorrer do diálogo.

Durante a condução de uma entrevista, é possível notar o papel fundamental do entrevistador no que diz respeito ao preparo para a comando do programa. A preparação das perguntas, bem como a melhor forma de criar um gancho com a fala do entrevistado, possibilitam uma entrevista mais completa e rica em detalhes. Para a melhor compreensão desta pesquisa, serão analisados no capítulo adiante tais aspectos referentes aos programas de televisão *Voz Ativa*, da TV Minas, *Saia Justa*, do Canal GNT, e *Diálogos*, da Globo News.

4 ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO ENQUANTO ENTREVISTADA EM PROGRAMAS DE TELEVISÃO

A presente monografia busca compreender a participação de Djamilia Ribeiro como entrevistada em três programas de televisão, levando em consideração questões acerca da identidade negra, da representatividade e do seu lugar de fala como entrevistada. O ponto central é entender de que forma a militante, enquanto sujeito político, adapta seu discurso em diferentes situações de entrevista na TV brasileira. Serão objetos de estudo os programas *Diálogos*, do canal GloboNews, *Saia Justa*, do canal GNT, e *Voz Ativa* da TV Minas, investigando quais estratégias comunicacionais são utilizadas durante os programas, bem como de que forma eles são conduzidos, em relação a estrutura e ao conteúdo do programa, tendo em vista o papel dos entrevistadores e da fonte.

A seleção dos programas analisados foi pautada pela diversidade de situações de entrevista: o programa *Diálogos*, da GloboNews, possui um caráter mais informativo e é conduzido por um jornalista. Já o programa *Saia Justa*, do canal GNT, é voltado para o entretenimento e é conduzido por uma jornalista com outras mulheres, não necessariamente profissionais da comunicação. Por fim, o programa *Voz Ativa*, da TV Minas, tem um caráter mais informativo como o primeiro citado, mas é conduzido por um jornalista com outras entrevistadoras convidadas ligadas à cena cultural brasileira.

Para a realização deste estudo, será utilizado o procedimento metodológico da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977, p. 31), podemos definir a análise de conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Tal metodologia deverá ser aplicada em três passos. O primeiro, a pré-análise, que corresponde a uma fase de organização e sistematização de ideias, bem como a esquematização do desenvolvimento da análise propriamente dita. Este primeiro passo possui três objetivos principais: escolher os documentos a serem submetidos à análise, formular os problemas e os objetivos de pesquisa e elaborar apontamentos

que fundamentam a interpretação final (BARDIN, 1977). Para a realização das especificações necessárias deste primeiro passo, foram escolhidos três programas de entrevista da televisão brasileira, citados anteriormente. O critério utilizado para esta escolha foi a primeira participação de Djamila nestes programas. Com a pesquisa, pretende-se responder quais são as estratégias comunicacionais utilizadas pelo sujeito analisado durante os programas, bem como de que forma são conduzidos os temas relacionados à questão negra no contexto brasileiro.

O segundo passo, a exploração do material, diz respeito a aplicação do procedimento metodológico para a categorização das informações coletadas no processo de pré-análise. A categorização, segundo Moraes (1999), "é uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios".

Dessa forma, a organização da categorização se dá sob três critérios: a escolha das unidades de registro e de contexto, que auxiliam na compreensão dos termos recorrentes em relação ao conteúdo e a mensagem; a enumeração, que compreende a escolha das regras de contagem; e por fim, a classificação das categorias apresentadas no estudo. Ainda segundo Bardin (1977, p. 105): "fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido." Tal afirmação dialoga com o objetivo de compreender o discurso da militante em diferentes narrativas jornalísticas, investigando quais são as temáticas abordadas durante os programas, bem como a forma como são conduzidas pelo entrevistador e pela entrevistada.

E por fim, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos, com o intuito de propor inferências aos objetivos previstos no início do trabalho científico. Entendendo que toda leitura de um texto se constitui numa interpretação, de acordo com Moraes (1999), "o analista de conteúdo exercita com maior profundidade este esforço de interpretação e o faz não só sobre conteúdos manifestos pelos autores". Neste sentido, entende-se que os conteúdos ocultos conscientes ou inconscientemente também fazem parte da análise.

A análise de conteúdo ao nível latente, proposto nesta pesquisa, possibilita inferências relativas ao que não foi reproduzido diretamente pelo sujeito analisado. Sobre o nível latente, uma das formas de conduzir a interpretação, Moraes (1999) aponta que o pesquisador procura captar sentidos implícitos. Ainda de acordo com o

autor (1999), “seguidamente a análise de conteúdo parte da informação manifesta no texto para então dirigir-se à intenção que o autor quis expressar, chegando, às vezes, a captar algo de que nem o autor tinha consciência plena”.

Dessa forma, o estudo se propõe a dialogar a partir das inferências obtidas através da interpretação das análises dos programas de entrevista. O subcapítulo a seguir compreende a apresentação do sujeito analisado nesta pesquisa, abordando as experiências pessoais e profissionais que a auxiliaram na construção da sua militância enquanto mulher negra.

4.1 O LUGAR DE FALA DE DJAMILA RIBEIRO

Figura 1 - Djamila Ribeiro



Fonte: Blog da Companhia (2018)

Djamila Taís Ribeiro dos Santos, conhecida popularmente como Djamila Ribeiro, é uma mulher negra, ativista feminista e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Nascida em 1980, na cidade de Santos (SP), ela é colunista das revistas *Elle* e *Carta Capital* online. Também coordena a coleção de livros nomeada como *Feminismos Plurais*, da editora Letramento, que hoje é vendida pela Pólen Livros em uma nova versão. Atualmente, a pesquisadora tem

dois livros publicados, que são *O que é lugar de fala?* pela Editora Letramento e *Quem tem medo do feminismo negro?* pela Companhia das Letras.

Atuante nas redes sociais, especialmente no Facebook e no Instagram, Djamila se propõe a trazer temas tidos como polêmicos para o debate. Entre eles, podemos citar o racismo, o feminismo negro, a política, as injustiças sociais, bem como outros assuntos relacionados aos grupos sociais marginalizados. Assim, tornou-se conhecida nacionalmente. Ainda que a participação da pesquisadora não seja tão recorrente nos canais abertos de televisão, no presente ano, Djamila foi convidada a fazer parte da bancada fixa do programa *Amor e Sexo*, da TV Globo, mediado pela apresentadora e atriz Fernanda Lima. Podemos considerar ainda outras participações em programas de televisão, rádio, entrevistas, reportagens audiovisuais e impressas, bem como sua presença em eventos nacionais e internacionais. Em destaque, o lançamento dos seus dois livros traduzidos para o francês em maio deste ano. Em 2018, ela foi indicada pela Organização das Nações Unidas ao prêmio Most Influential People of African Descent, que reconhece afrodescendentes com menos de 40 anos pela contribuição em suas comunidades em todo o mundo.

Djamila também foi Secretária Adjunta de Direitos Humanos de São Paulo em 2016. Segundo a própria autora (2017, p. 49), "uma característica interessante de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes".

A trajetória pessoal da militante traz aspectos que auxiliam na compreensão do caminho percorrido até os dias atuais para ser reconhecida enquanto mulher e feminista negra. Em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), destacamos um capítulo em que a ativista apresenta uma pequena autobiografia, na qual reflete sobre sua trajetória identitária.

Djamila foi uma criança inteligente. Aprendeu a jogar xadrez com apenas seis anos de idade, tirava notas altas, era saudável. Ainda assim, sentia-se estranha e inadequada nos espaços que frequentava. Na escola, ouvia piadas envolvendo o seu cabelo e a sua cor da pele. Tinha vergonha especialmente pela forma como era tratada por seus colegas que, apesar de serem crianças como ela, não a poupavam dos apelidos e depreciações.

Em casa, ela se sentia segura. Soltava os cabelos crespos, era falante, gostava de ler e brincar. No prédio em que morava, a sua era a única família negra. Nas férias, viajava até Piracicaba, cidade natal de sua mãe, para visitar a avó, a quem se refere

como D. Antônia. "Benzedeira das boas", como ela mesma a descreve, D. Antônia gostava muito de trançar os cabelos dela. Lembra ainda que, com a presença da avó, a dor e o sentimento de inadequação cessavam.

Em 1990, foi premiada no Anuário Escolar do Estado de São Paulo, por estar entre os alunos com as melhores notas escolares. Sobre esse momento vivenciado, Ribeiro (2018, p. 11) afirma que "apesar do orgulho visível em meus olhos, sentia uma força agindo sobre mim que muitas vezes me impedia de falar ou existir plenamente em alguns espaços." O fato de ser a única menina negra nos espaços que frequentava sempre a impactava de forma negativa.

O pai, autodidata e militante comunista e do movimento negro, era um trabalhador braçal. Djamila lembra da raiva que sentia por ele ao não ser autorizada a alisar os cabelos, por mais que o processo capilar fosse marcado por queimaduras no couro cabeludo e ardência nos olhos. O pai defendia que ela deveria amar os seus traços como eles eram. O desejo profundo de se sentir acolhida nos espaços a influenciou a se submeter a procedimentos estéticos.

A sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só a minha voz, mas minha existência (RIBEIRO, 2018, p. 15).

A máscara a qual Djamila se refere diz respeito aos silenciamentos diários vividos durante a infância e a adolescência. Redescobriu sua força ao conhecer a Casa de Cultura da Mulher Negra, onde teve sua formação valorizada oferecida por mulheres negras feministas. A partir daí, teve contato com a produção de mulheres negras como bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Alice Walker, Toni Morrison, entre tantas outras. Neste momento, Djamila se deu conta de que existiam novas perspectivas possíveis e que era possível falar por outras vozes. Cada uma destas autoras a trouxe um aprendizado diferente. Em destaque, o rompimento da visão sobre a mulher negra como uma mulher guerreira, inerentemente forte, a auxiliou a compreender a necessidade de ser vista como humana em primeiro lugar.

Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas (RIBEIRO, 2018, p. 20).

Outro aprendizado que marca a trajetória da militante é a compreensão de que ela, enquanto mulher negra, também merecia ser vista como uma mulher possível de ser amada e respeitada. Sobre a marca que o livro *O olho mais azul*, de Toni Morrison, a causou, Ribeiro (2018, p. 20) afirma:

Entendi que o amor, por mais que me tivesse sido negado de várias formas, era um direito. E que viria a partir do momento em que eu tivesse coragem de olhar para dentro de mim com sinceridade para retirar o mal que fora colocado ali com tanto silenciamento.

Romper com a norma hegemônica e pensar novos lugares sociais estão ligados não a uma imposição, mas ao direito de coexistir. As negações vividas pela militante, seja ao direito de amar e ser amada, como aos seus traços físicos, por mais dolorosas que tenham sido, também a auxiliaram a pensar em novos caminhos, novas construções, novas pontes, como explica a seguir:

[...] o "não lugar" de mulher negra pode ser doloroso mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes (RIBEIRO, 2018, p. 23)

Por isso, a urgência em se pensar o feminismo com o recorte racial. Assim, podemos afirmar que as questões identitárias a que Djamila se refere em seu discurso estão diretamente ligadas à sua trajetória pessoal e acadêmica. Por essa razão, ela se compromete a utilizar o seu lugar de fala a fim de propor novas narrativas e instigar a multiplicidade de vozes na sociedade. Entre tantos temas sobre os quais a ativista se propõe a dialogar, vamos focar especialmente nas questões de gênero e raça em suas participações nos programas de televisão selecionados para a análise. Nos próximos subcapítulos, propomos um estudo acerca do conteúdo veiculado em três programas de entrevista, especialmente no que diz respeito a participação da ativista como entrevistada.

4.1.1 Um lugar em desconstrução: Análise do Programa *Diálogos* do Canal GloboNews (2016)

Em 15 de outubro de 1996, segundo o Memória Globo (2019), estreava o canal GloboNews com o programa *Em cima da hora*, apresentado por Eduardo Grillo e Renata Vasconcellos. O programa passou a fazer parte da Globosat, a maior

programadora de TV por assinatura da América Latina e líder de mercado no Brasil. Criado por um grupo composto por jovens repórteres e jornalistas consagrados, o canal é considerado o primeiro no Brasil a dedicar 24 horas de sua programação ao jornalismo. Os atuais jornalistas consagrados, como Sérgio Aguiar, Maria Beltrão, Christiane Pelajo, Eduardo Grillo, Renata Vasconcellos, por exemplo, eram alguns dos jovens repórteres na época. Então, o sucesso da GloboNews se deve à junção entre a equipe novata com a experiência de outros jornalistas.

Entre a programação da emissora, podemos destacar programas que permanecem no ar até os dias de hoje. São eles: *Sem Fronteiras*, *Arquivo N*, *Via Brasil* e *Milênio*. Segundo o site Canais Globosat (2019), a emissora é líder de audiência entre os canais de notícias da TV por assinatura. O canal se propõe a levar a informação 24 horas por dia aos assinantes, sob diferentes pontos de vista, por meio de entrevistas, reportagens especiais e debates no estúdio em um formato que possibilita ao telespectador estar informado sobre as primeiras notícias até o desdobramento dos acontecimentos.

Neste subcapítulo, vamos explorar a participação de Djamila Ribeiro no programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*, veiculado pela emissora de canal fechado. O programa teve a sua estreia no dia 10 de abril de 2014. Possui periodicidade semanal, às quintas-feiras às 23h. Com abrangência nacional, traz figuras públicas e até mesmo desconhecidos que sejam manchetes na atualidade para dialogar sobre pautas culturais, políticas, científicas, sociais, entre outros temas.

Mario Sergio Conti, que leva o nome do programa, nasceu em São Paulo, em 1954. Formado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP), trabalhou no jornal *Folha de São Paulo* em 1977. De 1983 a 1998, esteve à frente da revista *Veja*, veículo do qual saiu como diretor de Redação. Em 1999, publicou *Notícias do Planalto: A imprensa e o poder nos anos Collor* pela editora Companhia das Letras, vencedor do Prêmio Jabuti em 2000. Na revista *Piauí*, iniciou a sua trajetória em 2006 também como diretor de Redação. Em 2011, deixou a revista para substituir Marília Gabriela no programa *Roda Viva*, veiculado pela TV Cultura, onde foi âncora até agosto de 2013. Em agosto do mesmo ano, a desobediência do jornalista em manter uma entrevista com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, mesmo depois de receber uma ligação do então presidente da emissora, Marcos Mendonça, a fim de suspender a entrevista, levou à demissão de Conti. O jornalista, então, foi substituído por Augusto Nunes no comando do programa. Ao deixar a emissora, Mario Sergio

retorna à revista *Piauí* como repórter. Atualmente, é colunista do jornal *Folha de São Paulo* e apresentador do programa na GloboNews.

Neste subcapítulo, vamos analisar a participação de Djamila Ribeiro enquanto entrevistada no programa do dia 27 de outubro de 2016, data em que realizou a sua primeira participação no programa⁷. Em 2018, ela retornou ao *Diálogos* para falar sobre mecanismos de enfrentamento ao racismo institucional. Com duração de aproximadamente 30 minutos, o programa foi transmitido ao vivo pela emissora. A configuração espacial da entrevista se deu de forma que o entrevistador e a entrevistada ficassem frente a frente. Sobre o enquadramento, a transição entre as câmeras variava de acordo com o momento da entrevista, mas apresentava planos abertos e fechados ao longo da transmissão. Além destes, houve planos em que se revelaram os bastidores, onde apareceram as câmeras, gruas e a estrutura de iluminação. Com relação ao cenário, uma mesa redonda ao centro separou o entrevistador da ativista. Ao fundo, blocos de madeira com letras e números compuseram a cena do programa, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - A configuração espacial do programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*



Fonte: Globosat Play (2019)

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i2o8eTdW-Qo>. Acesso em: 15 mai. 2019.

Tal programa de entrevista é introduzido com uma breve trilha sonora, seguida por uma apresentação do entrevistado, narrada pelo próprio apresentador para elucidar ao telespectador a trajetória profissional da entrevistada. Em 00' 08", Mario inicia a apresentação da entrevistada como "uma intelectual, uma estudiosa especialista em Simone de Beauvoir, a filosofia de Simone de Beauvoir e é também uma ativista social que está à frente de várias lutas dentro da Prefeitura de São Paulo relativas à condição das mulheres e a condição dos negros". Tal afirmativa não é referida pela entrevistada em outras ocasiões. Além disso, a forma como foi construída tal apresentação não indica que ela atue como militante do movimento feminista negro senão como secretária-adjunta dos Direitos Humanos de SP. Apesar de ter estudado Simone de Beauvoir e Judith Butler na sua dissertação de mestrado, a qual leva como título *Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios de ação política*, as autoras não são comumente referidas pela ativista como sua especialidade, uma vez que ela utiliza como referência predominantemente mulheres negras que auxiliaram no seu crescimento pessoal e intelectual. Além disso, o apresentador a coloca como "especialista" não como titulação, mas como sinônimo de alguém que possui um estudo aprofundado sobre as obras das autoras.

Dividido em dois blocos, as temáticas desenvolvidas durante o programa estão diretamente ligadas a acontecimentos contemporâneos ao momento da entrevista. Entre os assuntos abordados, podemos destacar questões da atualidade, como as manifestações de mulheres na Polônia e na Argentina, a criação de uma Escola de Princesas para crianças e adolescentes do gênero feminino e o ativismo nas passarelas de moda. Além destes, identificamos aspectos conceituais como a questão da identidade, a representatividade e o empoderamento, com os quais Djamila dialoga frequentemente. Destacamos que as questões da atualidade não são abordadas separadamente das questões conceituais. A aproximação dos temas conceituais aos fatos contemporâneos possibilita que cada um dos questionamentos sejam apresentados por Djamila de forma didática e explicativa, com dados e conceitos acerca das notícias. A atualidade das questões, proposta por meio das perguntas do entrevistador, é direcionada pela entrevistada de forma que ela possa apresentar os conceitos a que estuda. Por vezes, nota-se que o diálogo não se dá de forma direta, uma vez que a militante busca percorrer um caminho teórico para explicar os pontos questionados.

Em geral, as questões apresentadas por Conti se encaminharam de forma a compreender o que a ativista pensava acerca daqueles acontecimentos contemporâneos. Analisando as questões da atualidade, foram escolhidos pelo entrevistador temas recentes. As manifestações de mulheres, ocorridas na Polônia e na Argentina, aconteceram nos dias 3 e 19 de outubro do mesmo ano da entrevista, respectivamente. No território polonês, os protestos foram contra a proibição total do aborto, já na Argentina, as manifestações ocorreram em repúdio ao feminicídio de uma jovem de 16 anos. Essa foi a primeira questão feita pelo entrevistador. Mario reflete sobre o crescimento das greves de mulheres. Ele diz:

[01'55"] *MARIO SERGIO CONTI*: Começando pela situação internacional, Djamilia, recentemente, questão de uma semana ou duas atrás, num mesmo período, menos de 10 dias, houve duas greves de mulheres enormes. Uma na Polônia, as mulheres saíram de negro, não trabalharam, foram pra rua reivindicando que não se mexesse na legislação sobre o aborto, que é uma das mais restritivas da Europa, que é um país católico, tradicional, reacionário, um governo ultra reacionário. E outra na Argentina, onde houve uma moça que foi estuprada, foi assassinada e novamente as mulheres entraram em greve, manifestações enormes em Buenos Aires. Que que tá acontecendo? Por que essa mobilização feminina tá crescendo em países tão diferentes, inclusive no Brasil?

Para responder a esta questão, Djamilia, cumprindo o papel de especialista enunciado no começo do programa, referencia Simone de Beauvoir para explicar lutas históricas realizadas por outras mulheres e que hoje possibilitam tais manifestações, acrescentando também o poder das redes sociais no sentido de alcançar outras pessoas.

Outro ponto trazido como questão na entrevista diz respeito à criação de uma Escola de Princesas, a qual propõe o ensino de boas práticas e comportamentos a meninas de 4 a 15 anos de idade. Classificado como "patético" pela entrevistada, a escola contribui para a manutenção da lógica machista na sociedade. Ela diz:

[17'31"] *DJAMILA RIBEIRO*: Eu acho que é atrasado e patético no sentido que isso na verdade nada mais é do que colaborar com essa lógica machista de que mulher, pra ser mulher, tem que tá dentro desses espaços. Eu acho que você criar uma escola para criar meninas né oferecendo só essa visão, essa visão de mundo, acho extremamente violento.

Por fim, sob a perspectiva acerca de questões da atualidade, o apresentador questionou a importância da representatividade de travestis e transsexuais no desfile da São Paulo Fashion Week, realizado pelo estilista Ronaldo Fraga em 26 de outubro de 2016. Mario pergunta:

[20'10"] *MARIO SERGIO CONTI*: Aí escreveram que era uma coisa épica, eu acho que talvez seja um exagero e o negócio é a roupa. É roupa ou é... e o problema trans é socialmente tão massificado assim? Como é que você vê isso?

Além de apresentar dados referentes à violência a que transsexuais e travestis estão vulneráveis no Brasil, especialmente ao sermos o país que mais mata este grupo social no mundo, Djamilia em sua resposta, ressalta a importância da representatividade e do empoderamento, uma vez que a representação deste grupo em um desfile de moda reafirma e possibilita novas perspectivas de serem vistos como sujeitos:

[20'36"] *DJAMILA RIBEIRO*: Eu vejo como muito importante numa sociedade que exclui as pessoas trans, né. O Brasil é o país que mais mata travestis e transsexuais no mundo, então num país que é extremamente violento pra essa população, é extremamente importante essa população tá em lugares de destaque, tá em lugares onde ela num geral ela não está.

Entre os aspectos conceituais sobre os quais Djamilia se propõe a dialogar, está a questão da identidade, que aparece em diferentes momentos. Em especial, destacamos a menção à ex-presidente Dilma Rousseff, a quem o entrevistador se refere da seguinte forma:

[08'51"] *MARIO SERGIO CONTI*: Questão Dilma Rousseff... foi um avanço as mulheres estarem representadas na presidência ou foi um governo desastroso, que um homem poderia ter feito tão desastroso? Qual o teu balanço?

Djamilia se coloca de maneira didática ao mesmo tempo em que se propõe a romper com a construção machista por meio da qual o entrevistado desenvolve a questão, uma vez que ela aponta a existência de outros presidentes que governaram de maneira "desastrosa". Ela diz:

[09'08"] *DJAMILA RIBEIRO*: Eu acho que existiram falhas no governo Dilma evidentemente. O fato dela ser mulher eu acho que é importante no sentido da gente, simbolicamente falando, é importante, é inegável que é importante você ter uma mulher presidente no sentido simbólico. Mas também acho que ela foi independente dos erros que ela cometeu, assim como vários presidentes homens também cometeram, eu acho que as críticas a ela tinham um cunho muito misógino no sentido de muitas vezes associarem ela como uma pessoa histórica, louca, de fazerem adesivos extremamente violentos em relação a ela, então acho que a mulher ainda não é vista como um ser humano de repente que até pode errar, a gente já teve vários homens cometendo várias coisas desastrosas, [tá aí o Collor que não deixa mentir] a reação a eles não é mesma quando é uma mulher que tá nesse espaço, nesse lugar.

Ou seja, ela utiliza a resposta do entrevistador como estratégia para revelar o lugar social e, por sua vez, o lugar de fala, em que ele se situa. Compreendemos que, por fazer parte do grupo social dominante, o apresentador não enxerga em sua fala os marcadores sociais que interferiram na trajetória política da ex-presidente Dilma Rousseff. Neste sentido, Djamila aponta que, para além de um governo desastroso ou não, feito também por outros homens em governos anteriores, a presidente enfrentava ao mesmo tempo a misoginia e o machismo impregnados em nossa sociedade.

Por isso, a admiração de Djamila a ex-presidente se dá ultrapassando o simbolismo que é ter uma mulher na presidência do país, mas também por enfrentar esse momento vivenciando ataques diários à sua imagem.

Compreendemos que Djamila é clara em suas respostas, ao mesmo tempo em que se propõe a devolver ao entrevistador novas perspectivas acerca das questões que ele a coloca. A fim de compreender a opinião de Djamila sobre figuras públicas, como Dilma Rousseff e Marcela Temer, por exemplo, o entrevistador desenvolve questões que afetariam diretamente a imagem dessas mulheres. Tais questionamentos foram utilizados pela entrevistada de forma didática para justificar a importância de conceituar o feminismo, a fim de apresentar que tal conceito não propõe a dominação das mulheres, mas sim o respeito às inúmeras possibilidades de ser mulher nos mais diversos espaços. Assim, podemos afirmar que, no jogo de perguntas e respostas proposto pelo entrevistador – de indicar pressupostos a partir de acontecimentos da realidade recente –, Djamila opta por responder aos questionamentos trazendo à tona o lugar de fala do próprio entrevistador, além de contextualizar tais acontecimentos com os aspectos conceituais que dialoga em diferentes momentos, como o feminismo, a interseccionalidade das opressões, a representatividade, etc. Destacamos que a forma como se dá a condução do programa por Conti aponta para a visão de Fávero (2000) sobre a disputa narrativa a fim de prender e convencer o telespectador por meio da polêmica, ainda que em nenhum momento haja desrespeito ou desqualificação da entrevistada.

4.1.2 Um lugar entre elas: Análise do Programa *Saia Justa* do Canal GNT (2017)

Criado em 1991, o GNT é um dos canais que compõem a Globosat, a primeira programadora de TV por assinatura do Brasil, segundo o História Grupo Globo (2019), que reúne momentos marcantes na história da emissora. Neste mesmo ano, junto ao

canal GNT, foram também criados os canais *Top Sports*, *Multishow* e *Telecine*. Em 1994, o canal esportivo *Top Sports* passou a se chamar *SporTV*, referência mundial de coberturas esportivas. Dois anos depois, foi criado o canal *GloboNews*, ao qual já nos referimos anteriormente, o primeiro a transmitir notícias 24 horas em sua programação. Atualmente, a Globosat conta com mais de 30 opções de canais pagos com 24 horas de programação, como o canal GNT, *SporTV*, *Multishow*, *Canal Brasil*, *Viva*, entre outros.

O canal, por sua vez, se posiciona como uma marca de entretenimento e informação voltada para o universo feminino. Sobre a forma como o programa se vende, Machado (2013, p. 57) afirma:

Mesmo sem uma delimitação clara de público-alvo, é possível notar uma aproximação da marca e da programação do GNT aos interesses femininos visto que temáticas como saúde, beleza, moda, culinária e comportamento passaram a ser predominantes nos primeiros programas do canal, tais quais “Alternativa Saúde”, “GNT Fashion”, “Diário do Olivier”, “Marília Gabriela Entrevista”, “Programa Martha Stewart”, “Saia Justa”, etc., sendo a maioria deles apresentada por celebridades nacionais e internacionais do âmbito da moda e do entretenimento.

Em sua grade de programação, o GNT aborda temas voltados ao entretenimento, como saúde, beleza, culinária, decoração, viagens, além de *reality shows* e séries. Conta com mais de 40 programas, entre os quais podemos destacar *Saia Justa*, *Decora*, *Que Marravilha!*, *Que Seja Doce*, *Santa Ajuda*, entre outros.

Neste subcapítulo, vamos analisar o programa *Saia Justa*, bem como a participação de Djamila como entrevistada. Machado (2013) afirma que o programa, criado em abril de 2002, tinha o objetivo de ser um bate-papo entre as apresentadoras, que comentavam sobre comportamento, tendências e atualidades. Iniciado com a jornalista Mônica Waldvogel como âncora, em 2011, o programa passou por uma reconfiguração e já foi constituído por homens e mulheres. Neste período, manteve a participação da jornalista, mas passaram pelo sofá a jornalista Tetê Ribeiro, a atriz Christine Fernandes, o músico Léo Jaime, o jornalista Xico Sá e os atores Dan Stulbach, Du Moscovis e Maria Fernanda Cândido. Um ano mais tarde, o modelo foi desfeito e a formação inicial, composta por quatro mulheres, foi retomada. Passaram a fazer parte da formação a jornalista e apresentadora Astrid Fontenelle, a jornalista Bárbara Gancia e as atrizes Maria Ribeiro e Mônica Martelli.

O programa é organizado por temporadas. Na temporada atual, a décima oitava, é comandada pela jornalista e apresentadora de TV Astrid Fontenelle, mas tem

como debatedoras fixas as cantoras Pitty e Gaby Amarantos e a atriz Mônica Martelli. Em geral, traz como temáticas questões discutidas nos noticiários e nas redes sociais em um tom mais divertido e leve, buscando entreter o telespectador.

No dia 8 de novembro de 2017, Djamila Ribeiro participou do episódio 36 da décima sexta temporada como entrevistada. A íntegra é disponível apenas para assinantes. Neste programa⁸, foi analisado o bloco de 25 minutos do qual Djamila participou como entrevistada. Na ocasião, participaram do programa a jornalista Astrid Fontenelle, as atrizes Mônica Martelli e Taís Araújo e a cantora Pitty. Transmitido ao vivo pela emissora, o programa foi dividido em três blocos. Na ocasião, os temas abordados foram o conceito de lugar de fala e a produção editorial de Djamila Ribeiro, a maternidade coletiva e a importância de reconhecer o não saber.

A configuração do espaço físico do programa é feita em semicírculo com uma mesa ao centro, de forma que as integrantes da entrevista possam se ver e dialogar umas com as outras. Todas sentam em um mesmo sofá, como se estivessem conversando na sala de casa. Em relação aos enquadramentos, os planos abertos são dedicados aos momentos em que as convidadas dialogam entre si, por vezes todas juntas, bem como quando Djamila se posiciona de forma a explicar algum conceito questionado por mais de uma interlocutora. Os planos fechados surgem majoritariamente quando uma componente possui o protagonismo da fala, seja em uma pergunta ou resposta.

A introdução do programa foi feita de forma diferente de programas tradicionais de entrevista. Iniciado com uma fala de Astrid no estúdio sobre maternidade, um dos temas a serem abordados durante o episódio, a cena se alterou para os bastidores do programa, em que apareceram as convidadas se arrumando e conversando de forma despretensiosa sobre o tema. De volta ao estúdio, a apresentadora comentou o próximo tema (a importância de dizer que não se sabe alguma coisa) e a cena novamente se alterou para os bastidores. Tal movimentação se repete mais uma vez, fazendo referência à participação de Djamila Ribeiro, convidada do programa, e em seguida começou a introdução padrão do *Saia Justa*. Com a performance das quatro participantes do programa, iniciou-se uma trilha em que elas apareceram com vestidos soltos e interligados, interagindo entre si e fazendo gestos com os braços.

⁸ Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/gnt/v/6277588/>. Acesso em 15 mai. 2019.

Figura 3 - A configuração espacial do programa *Saia Justa*



Fonte: Globosat Play (2019)

Entre as temáticas abordadas junto à entrevistada, destacamos a produção editorial da ativista em *O que é lugar de fala*, bem como aspectos conceituais apresentados no seu livro. Identificamos que as interlocutoras buscam colocar-se em relação aos conceitos propostos por Djamila, dialogando de forma a se pensarem enquanto mulheres privilegiadas em alguns aspectos, ainda que a condição de ser mulher no Brasil também as atinja pelo machismo.

Em 3' e 20", Astrid apresenta Djamila como "Mestre em Filosofia Política, escritora e feminista". Depois de referir-se ao seu primeiro livro e à Coleção que Djamila coordena, ela inicia a conversa questionando o que é lugar de fala. De forma resumida, em 3' e 57", a entrevistada aponta que "é a gente pensar qual o lugar social que a gente fala". Tal introdução foi seguida por conceitos a que Djamila se refere no seu livro, pontuando que a dominação do homem branco produz um regime de autorização discursiva que deslegitima a fala de outros grupos sociais historicamente discriminados:

[04'03"] DJAMILA RIBEIRO: Então, numa sociedade dominada por homens brancos, quem são as pessoas que são autorizadas a falar, né? Então é a gente também trazer narrativas de grupos que são discriminados historicamente para que a gente consiga ter uma multiplicidade de ideias e romper com essa voz única.

Ainda sobre a mesma questão, a militante refere-se ao incômodo dos homens brancos quando mulheres questionam o seu lugar de fala. De forma irônica e bem-humorada, quando homens questionam que mulheres estão querendo tirar o direito deles de falar, ela explica, em 4' e 35", que "não temos poder pra isso, o máximo que pode fazer é bloquear do Facebook", fazendo referência a uma rede social em que ela é bastante ativa. Por fim, sobre essa questão, ela explica a necessidade de espaço para que as minorias falem por si mesmas. Ela elucida:

[04'56"] DJAMILA RIBEIRO: A gente precisa começar a dar espaço pra entender a necessidade de mulheres falarem sobre determinados temas, pessoas gays falarem sobre determinados temas, a gente quer é romper com esse regime que impede que a gente acesse certos espaços e consiga ter a nossa voz legitimada.

Em seguida, a partir da fala de Djamila, Mônica desenvolve sua questão com base na fala e na escrita da entrevistada:

[06'04"] MÔNICA MARTELLI: A nossa sociedade foi construída pela voz do branco. Essa fala do branco foi sempre dita como certa. E aqui agora a fala de uma mulher branca, a gente não se dá conta desse benefício. Então assim, eu fico me perguntando o seguinte: a partir do momento que (o branco) se existe um grupo que tá sendo discriminado, tem um grupo aí que tá sendo beneficiado todo o tempo. E esse grupo não para pra pensar nisso, não se questiona sobre esse privilégio.

Tal comentário vai ao encontro daquilo que Djamila assinala como a universalização do branco, ou seja, uma vez que pessoas que estão em um lugar social de privilégio não se propõem a pensar que partimos de lugares de fala diferentes, elas contribuem para a perpetuação de desigualdades. Ela explica:

[06'50"] DJAMILA RIBEIRO: A pessoa branca, no geral, ela se pensa universal, o homem branco. "Eu sou um ser humano!". E olha pra você: "Você é uma mulher", você é específica. E olha pra mim: Você é negra!". E ele não entende que ele também fala a partir de um lugar. Quando ele entende que ele fala a partir do lugar do grupo que é privilegiado, ele vai conseguir enxergar que o lugar dele impacta diretamente no nosso, que os privilégios dele foram construídos na base da nossa opressão.

Cabe refletir sobre a postura de Mônica durante o programa. Em alguns momentos, é possível notar que ela, ao indagar Djamila, se insere nos próprios questionamentos reconhecendo o seu lugar social enquanto uma mulher branca pertencente à classe privilegiada, ainda que não diga isso diretamente.

Na mesma questão feita por Mônica, Djamila pauta ainda a atualidade do tema ao referir-se ao feminicídio de uma adolescente de 16 anos, morta com onze tiros no rosto porque o homem não soube ouvir um não. Por isso, destaca a urgência em

pensar o lugar de fala para combater a masculinidade tóxica construída socialmente. Ela explica:

[07'55"] DJAMILA RIBEIRO: A gente vive em uma sociedade que constrói uma masculinidade tóxica, agressiva, violenta. Quando esse homem entende que essa masculinidade é construída desse jeito e ele toma consciência disso, ele pode começar a se responsabilizar pra construir um outro tipo de ser homem que não seja ligado a violência.

A dificuldade em reconhecer privilégios também foi pautada pela cantora Pitty, que posteriormente questionou sobre o reforço da identidade sem a fragmentação da luta quanto ao direito à fala de outros grupos sociais historicamente silenciados. Djamilia expõe que o que se quer é a multiplicidade de vozes, uma vez que a sociedade já é fragmentada. Ela diz:

[09'30"] DJAMILA RIBEIRO: A sociedade já é dividida. As opressões colocam o homem branco no topo, mulher branca em baixo, homem negro e mulher negra. Quando eu trago à tona essas realidades, eu quero combater essa divisão que tá posta. E aí você vai falar como mulher branca a partir de um lugar, eu vou falar do meu lugar como mulher negra e a gente juntas vai conversar e se entender pra pensar um projeto mais amplo.

Em seguida, Taís Araújo questiona sobre a continuidade da Coleção Feminismos Plurais, criada em parceria com o site Justificando. Entre as publicações seguintes, estavam *O que é encarceramento em massa?*, *O que é empoderamento?*, *O que é interseccionalidade?*, *O que é colorismo?* e *O que é racismo estrutural?*. Destacamos a participação sucinta de Taís enquanto interlocutora. Mulher negra, Taís Araújo é considerada a primeira protagonista negra da Rede Globo. Ainda que ela se identifique com a fala de Djamilia, é possível notar que foi a que menos participou durante o programa.

A conversa segue com a fala da apresentadora, que se refere a Pitty e a Taís Araújo como mulheres que se propõem a pensar sobre a participação de outros convidados do programa. Astrid introduz:

[12'25"] ASTRID FONTENELLE: A gente aqui, nessa formação do Saia Justa, algumas vezes eu vi Taís, eu vi a Pitty, muito preocupadas quando a gente fala (sobre) "o gordo". Poxa, mas a gente não é gorda, preciso de um gordo aqui pra falar". E é isso o lugar de fala, é o gordo poder falar e ter um espaço onde ele vai ser ouvido, ele vai ser o protagonista da sua própria história.

Djamilia aponta que Astrid confunde lugar de fala com representatividade.

[13'00"] DJAMILA RIBEIRO: "Não necessariamente, porque às vezes as pessoas confundem lugar de fala com representatividade. Você não precisa

ser negro pra falar contra o racismo, você pode e deve se responsabilizar pelo racismo, só que você fala de um outro lugar."

Trazendo a conversa para o âmbito da contemporaneidade, Astrid cita o movimento ElesporElas, em que a participação de homens e meninas para o caminho da igualdade de gênero é extremamente valorizada, ao mesmo tempo em que a mobilização tenha dado margem ao que se conhece como "mimimi": a recusa a escutar o outro e a caracterização de falas de minorias apenas como uma reclamação sem fundamento. Assim, Mônica faz um gancho sobre a forma com que Djamila se expressa, citando que é uma fala que "chama para o diálogo". Mônica diz:

[14'51"] *MÔNICA MARTELLI*: Eu ouço você falando e você tem uma fala que nos chama pro diálogo. E existe uma fala que é carregada de dor, que ok, que é legítima, que é uma história de dor, mas que essa dor tem que ser reconhecida e tem que virar uma fala política pra abrir o diálogo, porque senão vira uma fala do ressentimento.

Destacamos aqui que Mônica, ao mesmo tempo em que reconhece o seu lugar de fala e reflete sobre a questão racial, neste momento, ela relativiza o debate ao não conseguir exercitar a empatia e compreender o lugar social que a própria convidada pontua ao longo da entrevista, associando a expressão "ressentimento" ao que popularmente conhecemos como "mimimi".

Em um momento em que todas falam juntas, se sobressai a fala de Taís, que a interrompe dizendo:

[15'26"] *TAÍS ARAÚJO*: Eu não posso explicar o que é mimimi, acho que quem pode explicar o que é caracterizado como mimimi é a Djamila, melhor que eu.

Sobre essa questão, além da terapia, Djamila aponta para outra questão importante acerca do lugar de fala que é o direito à escuta. Ela explica:

[16'17"] *DJAMILA RIBEIRO*: às vezes a gente tá falando, você não tá ouvindo, eu vou gritar pra ver se você escuta, porque a pessoa também não entende a responsabilidade dela de não querer escutar. Então muitas vezes "ah, o outro tá ali gritando, o outro é muito ressentido", mas você já refletiu se você tá escutando o que as pessoas estão falando?

Além disso, referencia Grada Kilomba ao lembrar de uma das frases da autora, que diz "É mais fácil você reprimir e rejeitar para não ter que lidar com a verdade dos outros". É importante pontuar aqui que, ao longo da entrevista, Djamila coloca as suas respostas de forma a contribuir para que as interlocutoras se pensem juntamente ao

seu discurso, especialmente as mulheres brancas que compõem majoritariamente a condução do programa.

No decorrer da entrevista, ao referirem-se seguidamente ao termo privilégio, Taís questiona se a entrevistada acredita que o grupo privilegiado possa abrir mão dos seus privilégios. Até o momento, a condução do programa se deu em um tom de conversa, interrompido por tal questionamento da atriz para saber de forma direta qual a opinião da militante sobre o tema. Djamila responde, rindo:

[18'16"] DJAMILA RIBEIRO: Hm, acho que assim, de graça, acho que não. Acho que passa pela pessoa se conscientizar sobre a importância daquilo. E às vezes nem é abrir mão dos privilégios, é deixar de ter privilégios pra ser direito pros outros, porque se é privilégio pra você é porque você tá oprimindo o outro.

Para exemplificar, a ativista cita a sua passagem pela Noruega, país em que identificou que as pessoas reconhecem a necessidade de políticas públicas de equidade de gênero há muitos anos.

Destacamos a fala de Astrid sobre os avanços nas lutas dos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que existe o aumento do discurso de ódio.

[20'03"] DJAMILA RIBEIRO: Esse ódio que tem hoje é muito por conta de resposta aos avanços que a gente teve, inclusive, é o medo da gente avançar mais.

Cita a vinda de Judith Butler ao Brasil, que sofreu inúmeros ataques à sua imagem com discursos como "Não à ideologia de gênero", por exemplo, mas reconhece que esse ódio é por conta dos avanços que já garantimos atualmente sobre as questões de gênero.

Taís ainda cita a importância do ingresso das pessoas nas universidades nos últimos anos, uma vez que a educação proporciona o conhecimento dos nossos direitos, além de poder sofisticar o debate. Djamila aponta ainda que, por vezes, a falta de informação leva ao não reconhecimento do oprimido.

Por fim, Astrid retoma a trajetória acadêmica e profissional de Djamila. O momento foi dedicado às memórias da família, especialmente do pai, que a incentivava muito a estudar, além de espaços em que ela teve a oportunidade de acessar e que a tornaram ativista pelo movimento feminista negro. Em relação ao programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*, identificamos diferenças na forma como foi conduzida a apresentação da entrevistada. O *Saia Justa* primou pela descrição da entrevistada a partir da sua trajetória profissional, sem referenciar o seu estudo de

mestrado, por exemplo. Ainda assim, o resgate da carreira editorial a que Djamila é conhecida, aponta a relevância da participação dela como entrevistada no programa.

Além disso, existem distinções no desempenho da entrevistada. É notório que ela se mostra mais à vontade no diálogo entre mulheres, além de abordar a temática das questões raciais de forma mais didática, ao mesmo tempo em que as próprias entrevistadas também se mostram empáticas e dispostas a aprender sobre o tema. Ainda que um programa de entrevista, nota-se também a leveza com que são abordados os temas, e por isso, o programa se assimila a uma conversa entre amigas.

4.1.3 Um lugar para informar: Análise do Programa *Voz Ativa* da TV Minas (2018)

Neste subcapítulo, analisamos a participação de Djamila Ribeiro como entrevistada no programa de entrevista *Voz Ativa*. Para isso, resgatamos alguns aspectos referentes à emissora responsável pela veiculação do programa, bem como a sua rotina de produção

De acordo com o *site* oficial da emissora (2019), fundada em 1984 por Tancredo Neves, a Rede Minas de Televisão é uma emissora pública e educativa que tem como missão enriquecer a vida das pessoas por meio de conteúdos audiovisuais informativos, culturais e educativos. Presente em mais de 765 cidades do Estado de Minas Gerais, é considerada a terceira maior televisão pública do Brasil. Diversificada, a programação da emissora abrange programas de jornalismo, cultura, variedades, música, esportes e conteúdos infantis. A grade de programação exhibe não somente produções inéditas criadas pela própria emissora, mas também da TV Brasil e TV Cultura.

Entre os programas de jornalismo que fazem parte da programação do canal, destacamos quatro: o *Jornal Minas*, que cobre fatos relevantes no Estado, o *Minas em Rede*, que oferece um panorama diário do que acontece na região, o *Opinião Minas*, um programa de entrevistas que aborda temas como saúde, educação e cidadania, e o *Voz Ativa*, objeto de estudo desta pesquisa, que busca trazer novas vozes para os debates em programas de entrevista.

O *Voz Ativa* é um programa semanal de entrevistas que aborda diversos assuntos relevantes para compreender a situação atual do Brasil, bem como para refletir sobre os dilemas existentes em torno da realidade brasileira. Produzido em parceria com o jornal *El País* Brasil, o programa teve a sua estreia em 8 de janeiro de

2018, com a participação do dramaturgo e diretor de teatro José Celso Martinez. A apresentação fica por conta do jornalista Florestan Fernandes Júnior, filho do sociólogo de mesmo nome, "o fundador da sociologia crítica no Brasil" (IANNI, 1996).

Segundo o jornal *El País* (2018), "o nome do programa evoca a canção *Roda Viva*, de Chico Buarque, e a utilização da música na abertura do programa, com versão de Fernanda Porto, foi autorizada pelo compositor". A letra, criada sob o contexto da ditadura militar no Brasil, foi apresentada em 1967 durante o III Festival de Música Brasileira pela TV Record. Segundo Cesar (1990, p. 77), "daí política e música se mesclarem, procurando, através das canções de protesto, mudar o regime vigente". Tempo depois, tal manifestação artística acarretou no exílio do compositor na Itália.

Com duração de 90 minutos, a transmissão do programa acontece às segundas-feiras, sempre às 22h15, pela Rede Minas de Televisão. Também conta com a retransmissão pela Internet. De acordo com o jornal *El País Brasil* (2018), "uma edição especial para rádio, com uma hora de duração, será apresentada às terças-feiras, às 21h, na Inconfidência FM. Aos domingos, a partir do dia 14, às 22h, o programa vai ao ar pela Inconfidência AM."

A entrevista com Djamila Ribeiro, segunda convidada para participar do programa *Voz Ativa*, foi ao ar no dia 15 de janeiro de 2018. A conversa, mediada por Florestan, contou com a participação das entrevistadoras Marina Rossi, jornalista da edição brasileira do *El País*, Márcia Cruz, jornalista do *Estado de Minas*, Marcela Martins, jornalista da Rede Minas, Ana Weiss, jornalista da *São Paulo Review* e a atriz e produtora cultural Grazi Medrado. Entre as cinco entrevistadoras, três delas são negras.

O programa⁹ é configurado fisicamente de forma que a entrevistada fique no centro e os entrevistadores dispostos em seu entorno no formato de um círculo com uma bancada à sua frente, assim como o programa *Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo. No entorno, constam ainda os bastidores do programa, como a equipe que opera as câmeras e o cenário neutro com um fundo branco. Com relação ao enquadramento, a transição entre as câmeras varia, assim como nos outros programas analisados. Nos momentos em que o interlocutor possui o protagonismo

⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=31t9WEhr8o8&t=5s>>. Acesso em 16 mai. 2019.
Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dxAMW3DE5c4>>. Acesso em 16 mai. 2019.
Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5453TIHky2k>>. Acesso em 16 mai. 2019.

da fala, os planos fechados prevalecem. Já nas ocasiões em que o apresentador se dirige a outra entrevistadora, os planos abertos são mais frequentes. Ainda assim, a imagem da entrevistada é constantemente apresentada para demonstrar as expressões faciais frente aos questionamentos realizados durante o programa.

Figura 4- A configuração espacial do programa *Voz Ativa*



Fonte: Youtube (2019)

Tal configuração deixa o programa com um caráter mais formal, apostando no distanciamento entre entrevistadores e a entrevistada. Em uma análise feita sobre o programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que adota a mesma configuração física do programa *Voz Ativa*, Fávero (1998, p. 4) destaca características de tal programa que se aproximam do objeto de estudo realizado neste capítulo:

Cabe observar que o programa sob análise apresenta características próprias, na medida em que adota a técnica do distanciamento entre entrevistadores e entrevistado quanto ao espaço físico e deixa de lado o caráter intimista, o contato mais próximo, típicos de certas entrevistas, como por exemplo: *Jô Soares Onze e Meia* (SBT com o animador Jô Soares) ou *Aquela Mulher* (GNT com a jornalista Marília Gabriela). A preferência do programa *Roda Viva* é por manter um tom mais formal e, até certo ponto, inquisitorial às entrevistas veiculadas.

Em relação ao conteúdo do programa, podemos citar a abordagem de Djamila Ribeiro perpassando por diversos temas, uma vez que se trata do programa com maior duração da amostra selecionada para este TCC. Podemos destacar aqui

questões teórico-conceituais, como o lugar de fala, a representatividade, a interseccionalidade das opressões. Além destes, o resgate e a intersecção dos conceitos com questões da atualidade também fazem parte da condução do programa pelos entrevistados. Em geral, é possível identificar a alternância de perguntas que buscam esclarecer tópicos conceituais e questões que pautam a atualidade. A apresentação da convidada se dá de forma completa, mencionando as produções editoriais bem com a trajetória pessoal e profissional.

Tendo em vista o recente lançamento do livro *O que é lugar de fala?*, ocorrido em 14 de novembro de 2017, o apresentador inicia a conversa questionando Djamilia sobre o significado do nome de seu primeiro livro. Ela explica:

[02'51"] DJAMILIA RIBEIRO: Esse tema, na verdade, tem gerado muitas polêmicas, sobretudo no debate virtual as pessoas achando muitas vezes que o lugar de fala é você impedir o outro de falar, quando é justamente o contrário. Eu acho que sobretudo a discussão trazendo por várias teóricas, tentei conceituar a partir de teóricas como Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins, a própria Beauvoir, numa sociedade como a nossa quem é que tem direito legítimo à fala e tentando discutir que existe um regime de autorização discursiva que invisibiliza certas vozes.

Cabe aqui afirmar que Djamilia, enquanto entrevistada e escritora, sempre remete às suas referências para pautar a construção do seu trabalho e da sua trajetória pessoal, dando nomes às autoras que a auxiliaram na construção da produção acadêmica e editorial, como fez no referido momento.

A seguir, a atualidade dos debates virtuais, bem como a crescente manifestação dos discursos de ódio também foram pautadas no programa. Ainda que Djamilia sofra com ataques virtuais, assim como outras ativistas feministas, ela acredita que este movimento é um reflexo do incômodo causado pelo tensionamento das questões de gênero e raça. Ela aponta:

[06'07"] DJAMILIA RIBEIRO: Então, na internet a gente entendeu que era um espaço importante também de disputar uma narrativa né, mas ao mesmo tempo que é um espaço que dá visibilidade a essas vozes, também você dá visibilidade a vozes contrárias. Então, tem esses dois lados. Então isso acaba acontecendo, tem muito discurso de ódio, muito haters, eu por exemplo, sofro muitos ataques na internet, assim como várias outras ativistas. Mas a gente também enxerga isso como um reflexo do incômodo que a gente traz, que é um incômodo necessário e importante, de fato, de tensionar esse sistema, de tensionar esse regime de autorização discursiva e pensando que isso ainda é muito pouco né porque a gente vive num país que metade da população não tem acesso à internet.

Ainda acerca da atualidade, Grazi Medrado questiona sobre uma matéria divulgada sobre Djamilia no portal UOL, em que ela foi referida como "guru feminista"

no título da matéria. Além disso, foi indagada sobre a forma como Djamila se coloca em relação a outras mulheres negras, uma vez que ela faz uso frequente do plural, remetendo seguidamente a coletividade do movimento. Grazi comenta:

[07'43"] GRAZI MEDRADO: Duas coisas que eu fiquei bastante curiosa é que dentro dessa mesma entrevista falam com outras mulheres, duas atrizes negras e uma apresentadora de tv branca. As mulheres negras sempre falam de você com uma espécie de identificação, acho que é óbvia, com certo carinho e usa sempre o plural: nós mulheres, nós mulheres negras. A fala da entrevistadora, ou melhor, da apresentadora branca, me chamou muita atenção porque ela fala assim, exatamente assim: "Depois que ela participou do meu programa pela primeira vez não saiu mais de perto de mim". Eu tive um pouco da sensação de protagonismo como se você não tivesse mais saído de perto dela e não o contrário. Então eu queria te perguntar: será que nós mulheres negras, as mulheres negras, elas pensam mais um protagonismo coletivo e como que é isso assim de talvez ser a única negra em alguns espaços?

Na mesma questão, Djamila pauta outra problemática acerca da vivência das mulheres negras: a solidão. Ainda que a solidão no âmbito afetivo seja comumente abordada, a ativista falou sobre a solidão institucional a que mulheres negras estão submetidas. O fato de Djamila ser a única mulher negra na turma do seu curso de graduação em Filosofia, por exemplo, mostra que a militante, a partir do seu lugar de fala, se propõe a deixar implícito que pessoas brancas não se pensam no contexto social e, por isso, não percebem e nem reconhecem os seus privilégios. Ela diz:

[12'12"] DJAMILA RIBEIRO: Sim, me incomoda também falar da solidão da mulher negra só no campo afetivo né. Eu acho que ela é muito mais ampla né, não é você estar em espaços majoritariamente brancos e você ser a única pessoa que se incomoda com isso, porque as pessoas brancas não se incomodam, mas não refletem sobre o fato de por que que eu não tenho um professor negro, por que que todos os meus professores aqui na universidade são brancos e todas as mulheres que limpam banheiros são negras. As pessoas brancas elas naturalizam geralmente essas opressões e a gente quando chega nesse espaço, a gente sabe do modo como nos olham, o quanto que a nossa presença estranha para aquelas pessoas naquele espaço sobretudo quando a gente ocupa um lugar que não é esperado que a gente ocupe. Então por isso eu acho que é importante a gente sempre trabalhar de forma coletiva, até para sanar essa solidão que a gente sente estando em espaços que a gente tem que estar, que são espaços que na verdade nos foram negados, mas como é que a gente crie estratégias para não se sentir tão sozinha e acho que é justamente por isso que a gente tem essa questão de pensar coletivamente.

Semelhante aos questionamentos de Conti durante o programa *Diálogos*, a jornalista Ana Weiss buscou compreender a opinião de Djamila sobre um caso específico: a crítica de mulheres francesas que defendiam atores acusados de assédio, bem como a manifestação de Danuza Leão, jornalista e escritora brasileira, que também se envolveu na polêmica. De acordo com o jornal *Correio Braziliense*,

Danuza declarou que "toda mulher deveria ser assediada pelo menos três vezes por semana para ser feliz". Assim, Djamila novamente retoma a posição de conceituar as questões de gênero, raça e classe, dialogando com o feminismo negro, para esclarecer a dúvida. Ela diz:

[16'21"] *DJAMILA RIBEIRO*: Ela não vejo com surpresa, eu não me manifestei em relação a isso porque historicamente se a gente for jogar pegar todas as épocas têm perdas e retrocessos e ninguém nasce tendo consciência da pressão que sofre. Então muitas mulheres elas reproduzem um discurso que é internalizado, né então quando a Simone de Beauvoir fala que "não se nasce mulher, torna-se" é nesse sentido. Quando a gente nasce na verdade já tem toda uma construção de feminilidade imposta que a gente tem que seguir, né não são todas que têm a oportunidade de refletir criticamente sobre isso. Então a gente acaba internalizando aquilo como verdade, naturalizando o que foi construído socialmente então isso é muito comum.

Dialogando com a questão anterior, Florestan pontuou a reprodução do discurso do opressor referente ao caso da ministra Luislinda Valois. De acordo com o portal de notícias *A Tarde*, a ministra requereu receber R\$ 61,4 mil sob alegação de trabalho escravo. Em 19" e 29', ele diz:

[19'29"] *FLORESTAN FERNANDES*: Nós temos até o exemplo da ex-ministra da Igualdade Racial do Temer que fez aquele discurso complicado e que era negra e que ela era da área da Igualdade Racial. [Direitos Humanos] Então acho que também isso mostra também que não é só a mulher branca né, também tem mulheres negras que reproduzem esse discurso e que é muito triste ver isso.

Cabe destacar que a branquitude, quando se apresenta de forma equivocada sob qualquer aspecto, não tem a imagem de todo o grupo social afetada. No entanto, no que diz respeito aos erros de pessoas negras, é visto como se todo o movimento negro pensasse da mesma forma. Assim, Djamila explica que todas as críticas envolvendo a negritude são racializadas.

[19'59"] *DJAMILA RIBEIRO*: Acho que são seres humanos, acho que é importante a gente humanizar as pessoas, porque quando a Luislinda fez esse discurso horrível um monte de gente começou a falar "tá vendo? olha só, mulher negra falando isso" e eu fiquei, eu não liguei pra nenhum amigo meu branco quando Geddel foi encontrado com uma mala cheia de dinheiro. Então as pessoas elas não racializam a crítica, as mulheres negras são diversas entre si, pensam diferente, então a gente espera (que mulher) que pessoas negras sejam naturalmente militantes e a gente não cobra isso de homens brancos, por exemplo. E a gente também não racializa a crítica em relação ao homem branco, então, ninguém diz que o homem branco não serve pra ser presidente porque o Temer deu um golpe, mas se fosse uma mulher negra "ó".

Djamila reconhece ainda a importância do ingresso de pessoas negras na academia, uma vez que a existência deste grupo social força o debate para a

construção de novos saberes e novas perspectivas descolonizadas. Cita ainda o assassinato da cultura negra, posto que as narrativas sempre foram construídas a partir de uma perspectiva branca e eurocêntrica:

[25'11"] DJAMILA RIBEIRO: Eu acho que tem um impacto sobretudo a partir das ações afirmativas, que você tem um número maior de pessoas negras na universidade. Isso é inegavelmente importante nos últimos anos, porque uma vez que a gente está lá, a gente também começa a forçar isso, mas ainda é muito pouco.

No segundo bloco e no terceiro bloco, em alguns momentos o *Voz Ativa* contou com a intervenção de outras pessoas por meio de VTs, diferentemente dos outros programas analisados. Na ocasião, Áurea Carolina, vereadora de Belo Horizonte pelo PSOL, indagou Djamila sobre a intersecção das lutas para uma sociedade mais justa. Além dela, ocorreram também a participação de Marlise Matos, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e outros dois jovens ativistas negros, Lívia Teodoro e Murilo Araújo.

Comum na fala de Djamila nos outros programas, a menção à família e às autoras que a auxiliaram a trilhar o caminho enquanto ativista do movimento feminista negro também se fez presente nesta entrevista. Questionada sobre a sua trajetória, citou Sueli Carneiro e Grada Kilomba, mas durante o programa referiu-se regularmente a outras autoras.

A militante aponta ainda para o fato de existirem estratégias de comunicação no seu discurso. Questionada por Ana sobre a sua participação como colunista na revista *Elle*, considerada para um público classe A, ela fala:

[05'20"] DJAMILA RIBEIRO: Claro que tem que ter estratégias de comunicação, eu acho que nesse sentido eu penso muito né. Então, eu acho que a capoeira é a melhor metáfora da vida, então tem hora que cê bate, tem hora que cê ginga, tem hora que cê que vai desviando, porque você também (não) pode chegar batendo sempre, as portas se fecham porque a gente sabe que tem o poder.

Ainda que o racismo institucional se faça presente das mais diversas formas, a militante reconhece os avanços, retrocessos e perdas ao responder a jornalista Marina Rossi, que questionou sobre não perder as esperanças quanto aos retrocessos no país. Ela responde:

[10'03"] DJAMILA RIBEIRO: Eu acho que é importante também para a gente não querer pular da ponte, não perder a perspectiva histórica né, porque a gente que vive esse momento a gente sempre acha que o momento que a gente vive o pior momento da história. Então por isso que eu digo sempre

ouvir os mais velhos, os mais velhos me dá uma noção às vezes de tipo "segura a sua onda".

Outro ponto a ser destacado diz respeito a retomada das questões contemporâneas, como o caso do William Waack, ao ser demitido da Globo após uma declaração racista. Sobre a questão, a ativista diz:

[17'07"] DJAMILA RIBEIRO: Eu acho que é o mínimo que tinha que ser feito, tenho dúvidas que se ele foi afastado somente por isso, né, tenho muitas dúvidas. Mas eu acho que a gente não pode cair no discurso hipócrita né porque "ah, afastou, que bom", mas eu quero saber quantos jornalistas negros tem na Globo, quantos os roteiristas, quantas diretoras, né, porque quando a gente debate racismo não é só o caso de alguém explicitar isso individualmente, é o racismo institucional mesmo, né, de a gente não estar presente nas instituições de maneira massiva.

O programa *Voz Ativa*, ainda que não tenha seguido uma linearidade sobre as temáticas abordadas, perpassou diversos temas sobre os quais Djamilia se propõe a dialogar. É possível notar que, a partir do seu lugar de fala enquanto mulher negra, ela busca posicionar os interlocutores de forma que seus próprios questionamentos sejam ligados ao seu lugar. Assim, cabe destacar aqui as falas das interlocutoras brancas que compuseram a entrevista, que em determinados momentos se propuseram a se pensar enquanto mulheres privilegiadas, ao mesmo tempo em que as mulheres negras também retomaram o seu lugar de fala a partir do diálogo proposto pelas respostas de Djamilia.

4.2 ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS

O presente subcapítulo busca resgatar aspectos formais, bem como questões conceituais acerca dos temas desenvolvidos por Djamilia Ribeiro enquanto entrevistada nos programas de televisão analisados. Além disso, este tópico tem como objetivo refletir se há ou não uma estratégia comunicacional por trás do discurso do sujeito analisado. É importante pontuar que a análise atua de forma complementar aos subcapítulos estudados previamente.

O Programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*, veiculado pelo canal GloboNews, tem como característica marcante a conquista do telespectador por meio da polêmica do que os outros dois programas analisados. Ao mesmo tempo em que a atualidade é trazida constantemente no discurso do entrevistador, entendemos que a escolha das questões não priorizou o debate sobre questões identitárias no Brasil,

às quais Djamila se refere em outros momentos de entrevista, ainda que este não tenha sido o ponto central da pergunta.

Nota-se ainda uma postura diferente da entrevistada no referido programa, uma vez que ela não responde diretamente às questões dirigidas a ela, a fim de contextualizar o telespectador sobre o tema, mas que acaba por revelar o lugar de fala do próprio entrevistador por meio dos questionamentos propostos por ele. Um exemplo claro deste apontamento é a menção de Mario Sergio ao desfile de moda do evento São Paulo Fashion Week como um "exagero". Na ocasião, o estilista Ronaldo Fraga convidou 28 modelos travestis e transsexuais para desfilarem na passarela com a sua coleção. O fato de o apresentador achar um exagero é a própria representação do homem branco que se pensa como universal e, por isso, não aceita a forma como Os outros, apontado por Beauvoir, se sentem.

Neste sentido, cabe aqui pontuar que, sendo Mario um homem branco pertencente à classe privilegiada, ele não soube reconhecer o seu lugar de fala. Em *O que é lugar de fala?*, Ribeiro (2017, p. 31) explica que "o que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades". Ainda sobre esta questão, Ribeiro (2017, p. 79) aponta que "a tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder." Ou seja, quando o grupo visto como universal deixa de ser a norma, as outras vozes são vistas como inapropriadas porque encaram o poder hegemônico.

Percebe-se também a diferença na forma como são feitas as perguntas à entrevistada. Conti, quando se refere ao gênero feminino, fala em "mulheres", diferentemente da entrevista realizada apenas entre mulheres, como no *Programa Saia Justa*, em que elas se referem como "a gente". Além disso, de forma geral distingue-se a postura, tanto do entrevistador quanto da entrevistada, por ser uma entrevista realizada por um homem.

Em relação ao *Saia Justa*, entendemos que a postura da entrevistada muda de acordo com a forma como lhe são feitos os questionamentos. Djamila expõe de forma didática o seu discurso, apresentando aspectos conceituais, referenciando autoras e conectando com a atualidade, ao mesmo tempo em que aponta incoerências as interlocutoras de forma sutil. Tal percepção se mostrou especificamente no momento

em que a apresentadora Astrid se referiu ao conceito de lugar de fala misturando-o com a questão da representatividade, termos comumente confundidos.

Além disso, cabe aqui destacar que entre as cinco mulheres presentes no programa, apenas duas eram negras, a entrevistada Djamila Ribeiro e a atriz Taís Araújo. Astrid, Mônica e Pitty, por sua vez, enquanto interlocutoras brancas que compuseram o debate, reconheceram o seu lugar social na ocasião e, a partir dos seus próprios questionamentos, se colocavam em relação aos conceitos propostos pela entrevistada ao admitirem os seus privilégios, por exemplo. É notório que o discurso adotado por Djamila na entrevista tenha contribuído para isso, uma vez que ela faz questão de mostrar o seu próprio lugar de fala a fim de deixar implícito o lugar das entrevistadoras.

Sobre os aspectos conceituais com que Djamila dialoga, a referência às mulheres que a auxiliaram, seja na produção acadêmica e editorial, seja na trajetória pessoal e profissional, é um ponto destacado em boa parte das questões. Além disso, diferentemente do programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*, em que o entrevistador era responsável por pontuar a atualidade acerca dos temas, no programa *Saia Justa* a própria entrevistada se propunha a buscar referências contemporâneas para esclarecer os temas. O tempo de duração da entrevista no canal GloboNews e no canal GNT se assemelha, entretanto, a forma como foi utilizado para perguntas e respostas se mostrou diferente. No *Saia Justa*, a busca pela troca de conhecimento foi mais notável do que no *Diálogos*, abrindo espaço para que Djamila trouxesse conceitos e explicações mais completas. Destacamos que, no *Saia Justa*, predominou o formato que adota como critério causar uma boa impressão na audiência, respeitando a fala e evitando agressividades, como pontua Fávero (2000). Neste sentido, Conti não abordou de forma direta os aspectos conceituais, mas que foram contornados pela entrevistada para contextualizar os temas trazidos nas questões propostas pelo entrevistador.

Com relação ao programa *Voz Ativa*, por ser o mais extenso entre os programas analisados, Djamila aborda mais questões conceituais ao mesmo tempo em que perpassa questões contemporâneas. Ainda que as entrevistadoras também a tenham questionado sobre atualidades, no jogo de perguntas e respostas ela assume o compromisso de pautar semelhanças com o momento presente a fim de contextualizar e explicar de forma mais detalhada seu posicionamento.

Além disso, a escolha das perguntas pelos entrevistadores não seguiu uma linearidade, mas é possível notar que as interlocutoras negras pautam muito mais a questão racial e a forma como Djamila se sente do que interlocutoras brancas. Assim, o papel de se enxergar no discurso da militante a partir do próprio lugar de fala fica por conta das entrevistadoras brancas que, em alguns momentos, propuseram questionamentos acerca dos seus próprios privilégios sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia buscou investigar e compreender o discurso de Djamila Ribeiro em programas de televisão. Foram selecionados três programas de entrevista em diferentes formatos jornalísticos a fim de compreender as estratégias comunicacionais e como eram abordadas na fala da ativista no espaço midiático contemporâneo. Para a delimitação deste estudo, foram analisados os programas *Diálogos com Mario Sergio Conti*, do canal GloboNews, o *Saia Justa*, do canal GNT, e o *Voz Ativa*, da TV Minas. Cabe destacar que as três participações da militante nestas emissoras foram as primeiras exibidas em cada um deles. A escolha dos programas se deu pela variedade de formatos.

Desenvolvemos esta monografia em cinco capítulos, considerando a Introdução e as Considerações Finais. No segundo capítulo, *A Construção da Identidade Negra Brasileira*, abordamos uma breve contextualização do movimento negro brasileiro para compreender de que forma a construção histórica deste grupo social ainda afeta o direito à vida da população negra no Brasil na atualidade. Os subcapítulos apresentaram um estudo sobre a militância negra desde o período da escravidão, bem como traçaram as formas como a questão de gênero, raça e classe se mostram estruturantes para a manutenção das desigualdades presentes na sociedade, especialmente no que tange a vivência de mulheres negras. O presente estudo referenciou autores como Hall (2000), Domingues (2007), Crenshaw (2004) e Ribeiro (2017), que sustentaram as discussões sobre identidade, o movimento negro no Brasil e a interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe.

No terceiro capítulo, *A mulher negra no jornalismo*, investigamos a presença feminina negra na mídia. Os subcapítulos compreenderam um estudo sobre a mídia e o novo posicionamento dos lugares de fala, para contribuir na construção de um discurso jornalístico que não reproduza preconceitos acerca da vivência de mulheres negras, bem como a participação deste grupo social em programas de televisão, objeto de pesquisa estudado nesta monografia. Para a melhor compreensão destes temas, foram utilizadas as contribuições das autoras Carneiro (2003), Coutinho (2010) e Djamila Ribeiro (2017). Sobre os conceitos da representação do sujeito no espaço midiático, foram citados os autores Kellner (2001) e Woodward (2000). Para tratar

sobre os conceitos acerca da entrevista, utilizamos como referencial teórico Fávero (1998 e 2000).

E por fim, o quarto capítulo, *a Análise da participação de Djamila Ribeiro enquanto entrevistada em programas de televisão*, compreendeu um estudo sobre a forma como a ativista moldou a sua fala em três programas de entrevista. Um subcapítulo abordou a trajetória pessoal e profissional da militante, identificando aspectos que a auxiliaram na sua construção enquanto um sujeito atuante pelo movimento feminista negro. Através da metodologia da Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1977), foram estudadas as participações de Djamila nos três programas de entrevista, buscando compreender a abordagem das temáticas de gênero e raça em seu discurso para identificar possíveis estratégias comunicacionais em cada um dos programas.

Os resultados obtidos apontam para a existência de estratégias discursivas em todos os programas. O primeiro programa analisado, *Diálogos com Mario Sergio Conti*, é marcado pela utilização do lugar de fala da entrevistada para situar o lugar social do próprio entrevistador. Tal afirmação fica clara em diferentes momentos, especialmente pelas temáticas trazidas por Conti ao longo do programa. A preferência por questionamentos que buscavam a polêmica e as atualidades, e por consequência, um posicionamento de Djamila referente a tais temas, se desenvolveu de forma que ele precisasse rever seus próprios privilégios enquanto um homem branco para compreender a importância do discurso da ativista, especialmente através das instigações que a própria entrevistada trazia por meio de sua fala.

O segundo programa analisado, o *Saia Justa*, do canal GloboNews, diferentemente do primeiro programa de entrevista, foi marcado por uma revisão dos privilégios das entrevistadoras a partir do lugar de fala de Djamila. É notório que, enquanto mulheres, elas se dispuseram a repensar os seus privilégios e, conseqüentemente, o seu lugar de fala por meio do discurso e da abordagem da militante acerca dos temas. Neste sentido, a conversa entre mulheres se apresenta de forma mais empática, ao mesmo tempo em que a entrevistada se propõe a ser didática e acessível sobre a temática racial e de gênero.

O terceiro programa, o *Voz Ativa*, da TV Minas, diferentemente dos outros programas, foi marcado pelas questões acerca da atualidade, bem como um maior

esclarecimento sobre questões conceituais, justificado por ser o programa mais extenso entre os analisados. Além disso, a participação de profissionais da comunicação e outras áreas como entrevistadoras possibilitou uma maior riqueza em relação às questões abordadas. Entre as entrevistadoras, nota-se uma maior abordagem sobre a questão racial por parte das entrevistadoras negras, ainda que os outros interlocutores também se proponham a se enxergar a partir do lugar de fala da militante. Distingue-se, entretanto, a forma como isso acontece entre as interlocutoras negras e brancas. As mulheres negras presentes se enxergam a partir do discurso de Djamila por identificação com as temáticas e as situações que ela relata ter vivenciado em alguns momentos. As interlocutoras brancas, por sua vez, se predispõem a pensar sobre o seu próprio lugar de fala nos questionamentos a fim de compreender o lugar de fala da entrevistada.

Por fim, a pesquisa mostrou a importância de romper com o silenciamento sobre a questão racial no Brasil. A presença de Djamila nos programas de televisão simboliza, antes de tudo, a possibilidade de criar novas narrativas sobre pessoas negras. Além disso, as diferentes abordagens no discurso da ativista sobre o seu lugar de fala instigaram os interlocutores a se pensarem a partir da fala da própria entrevistada. Neste sentido, a forma estratégica de abordar temáticas raciais se mostra relevante e necessária à medida que o Brasil ainda seja visto como uma democracia racial pelo senso comum. A partir desta monografia, fica aberta a possibilidade de prosseguir estudando diferentes formas de romper com os silêncios a que pessoas negras foram e seguem sendo submetidas ao longo da vida, bem como narrativas semelhantes a Djamila, que propõem um novo olhar sobre pessoas negras. Nos apropriamos da fala de Lélia Gonzalez (01/02/1935-10/07/1994), ativista e intelectual negra, na epígrafe de abertura do texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira*,

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AFROS E AFINS. **Youtube**. Disponível em <<https://www.youtube.com/afroseafins>>. Acesso em 10 mai 2019.
- Agência IBGE de Notícias. **Síntese de Indicadores Sociais: indicadores apontam aumento da pobreza entre 2016 e 2017**. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017>>. Acesso em 20 mar. 2019.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p.234-246, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1459/500>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O racismo estrutural no cotidiano do país, segundo este autor. [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. **Nexo Jornal**, São Paulo, fev. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/02/12/O-racismo-estrutural-no-cotidiano-do-pa%C3%ADs-segundo-este-autor>. Acesso em 11 mar. 2019.
- ANDREWS, George Reid. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. **Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 52-56, Junho 1985. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 abr. 2019.
- APÓS protestos de mulheres, Polônia recua na proibição total do aborto. **G1**, 05 out. 2016, 15:38. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/apos-protestos-de-mulheres-polonia-recua-na-proibicao-total-do-aborto.html>. Acesso em 12 mai. 2019.
- ARAUJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 abr. 2019.
- ARGENTINA: mulheres realizam paralisação nacional contra feminicídio. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 20 out. 2016. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2016/10/argentina-mulheres-realizam-paralisacao-nacional-contrafeminicidio-841.html>. Acesso em 12 mai. 2019.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA. Ipea e FBSP. **Rio de Janeiro**, 2018. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP-Atlas-da-Violencia-2018-Relatorio.pdf>. Acesso em 25 mar. 2019.

BARBOSA, Marialva Carlos. Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX. **Comunicação, Mídia E Consumo**, v. 14, n. 39, p. 152-171, 2017. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/0000-0001-8875-7128>. Acesso em 27 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Li%20boa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

BEDIAGA, Begonha. Discreto personagem do império brasileiro: Luís Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro (1818-1886). **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 381-405, Jul. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2017000200381&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 abr. 2019.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a02v24n2.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200002>.

CANAIS GLOBOSAT. Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/>. Acesso em 06 jun. 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 Abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>.

CESAR, Ligia Vieira. **Poesia e Política nas Canções De Bob Dylan e Chico Buarque**. 1990. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24378/?sequence=1>>. Acesso em: 19 maio 2019.

COUTINHO, Lúcia Loner. **Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. Dissertação (mestrado) – Programa de 85 Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem**, p. 7-16, 2004. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em 20 mar. 2019.

DIÁLOGOS com Mario Sergio Conti estreia na GloboNews. **G1**, 09 abr. 2014, 17:55. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/03/dialogos-com-mario-sergio-conti-estreia-na-globonews.html>. Acesso em 11 mai. 2019.

DINIZ, Pedro; MESQUITA, Juliana. Ronaldo Fraga escala só modelos transexuais para desfile na SPFW. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2016, 18:00. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/10/1826444-ronaldo-fraga-escala-time-de-modelos-transexuais-para-desfile-na-spfw.shtml>. Acesso em 12 mai. 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Televisão : Entre gêneros/formatos e produtos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** . Belo Horizonte: Revcom, 2003. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29392547598621364344690064304561456918.pdf>. Acesso em 28 abr. 2019.

EMERY, Edwin. **Introdução a comunicação de massa**. São Paulo: Atlas, 1973.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O.; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Discurso e Interação: a Reformulação nas Entrevistas. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. spe, p. 00, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300008>.

FÁVERO, Leonor Lopes. A representação da imagem pública nas entrevistas. . **Linha D'agua**, São Paulo, p.67-72, jan. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/69178/71630>. Acesso em: 10 maio 2019.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**, Pernambuco, v. 1, n. 5, p.14-26, jan. 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF>. Acesso em 28 abr. 2019.

GABI DEPRETAS. **Youtube**. Disponível em <https://www.youtube.com/gabidepretas>. Acesso em 10 mai 2019.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, ago. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, junho, 2003. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100008>.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-130.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/181722/001074422.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 mar. 2019.

HISTÓRIA GRUPO GLOBO. Disponível em:
<http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm>. Acesso em 11 mai. 2019.

IANNI, Octávio. **A Sociologia de Florestan Fernandes**. Estud. av., São Paulo, v. 10, n. 26, p. 25-33, Abr. 1996. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 mai. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000100006>.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em 20 mar. 2019.

Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos**. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em 20 mar. 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001. 454 p.
 LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas. **Revista Etnográfica**, Lisboa, v. 4, n. 2, p.333-354, nov. 2000. Disponível em:
http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Acesso em 21 abr. 2019.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. Reflexos do racismo "à brasileira" na mídia. **Revista Usp**, São Paulo, n. 32, p.56-65, fev. 1997. Disponível em:
 <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26031/27760>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LÓPEZ, Laura Cecilia. Reflexões sobre o conceito de racismo institucional. In: JARDIM, Denise Fagundes; LÓPEZ, Laura Cecilia. **Políticas da diversidade: (in)visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2013. p. 73-90. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sny5t/pdf/jardim-9788538603856.pdf#page=71>. Acesso em 31 mar. 2019.

MACHADO, Fabíola Orlando Calazans. Seja ótima, seja feliz: Discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT. 2013. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14299/1/2013_FabiolaOrlandoCalazansMachado.pdf. Acesso em 10 jun. 2019.

MEMÓRIA Globo. Mostras. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos/globonews-20-anos/globonews-20-anos-estreia.htm>. Acesso em 11 maio 2019.

MEMÓRIA Globo. Programas. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/da-cor-do-pecado/curiosidades.htm>. Acesso em 10 mai. 2019.

MEMÓRIA GLOBO. Talentos. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>. Acesso em 10 maio 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NUNES, Jean Lucas do Carmo. **Perguntas e respostas: as técnicas de entrevistas políticas na GloboNews**. 2017. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177693>. Acesso em 11 maio 2019.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930**. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.sapili.org/livros/pt/cp000139.pdf>. Acesso em 07 abr. 2019.

ORTEGA, Rodrigo. Mario Sergio Conti busca 'perguntas difíceis' em entrevistas na GloboNews. **G1**, São Paulo, 20 mar. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/03/mario-sergio-conti-busca-perguntas-dificeis-em-entrevistas-na-globonews.html>. Acesso em 11 maio 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de citações em documentos elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2017. Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/modelos>. Acesso em 11 mar. 2019.

PORTAL GELEDÉS. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>>. Acesso em 10 mai 2019.

PROGRAMA de entrevistas 'Voz Ativa' estreia com dramaturgo Zé Celso. **El País**, 08 jan. 2018, 03:15. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/07/politica/1515344144_770542.html. Acesso em 19 mai. 2019.

REDE MINAS TV. Disponível em: <http://redeminas.tv/a-rede-minas/>. Acesso em 14 jun. 2019.

REVISTA Az Mina. Disponível em <<https://azmina.com.br/sobre/quem-somos/>>. Acesso em 10 mai 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Anderson Oramisio *et al.* A história da educação de negros no Brasil e o pensamento educacional de professores negros no século XIX. In: Congresso Nacional De Educação Educere, 11., 2013, Curitiba. **Anais...** [S. l.]: Editora Universitária Champagnat, 2013. p. 20856 - 20869. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/6853_4712.pdf. Acesso em 17 mar. 2019.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.121-149, jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10210>. Acesso em 20 mar. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul. 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf. Acesso em 11 maio 2019.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura. **Revista da Abpn**, Goiânia, p. 64-77, mar. 2010. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/308/286>. Acesso em 07 abr. 2019.

SOUZA, Ana Paula da Silva e. **A representação do negro na revista Raça Brasil:** Breve análise sobre as construções de identidade e cidadania. 2007. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/127028>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

PROGRAMAS ANALISADOS:

DJAMILA Ribeiro no Diálogos com Mario Sergio Conti. [s.l.]: GloboNews, 2016. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i2o8eTdW-Qo>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DJAMILA Ribeiro - Voz Ativa (parte 1/3). [s.l.]: Programa Voz Ativa, 2018. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=31t9WEhr8o8>. Acesso em 16 maio 2019.

DJAMILA Ribeiro - Voz Ativa (parte 2/3). [s.l.]: Programa Voz Ativa, 2018. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dxAMW3DE5c4>. Acesso em 16 maio 2019.

DJAMILA Ribeiro - Voz Ativa (parte 3/3). [s.l.]: Programa Voz Ativa, 2018. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5453TIHky2k>. Acesso em 16 maio 2019.

Um Lugar Onde Todo Mundo Quer Estar, Maternidade Coletiva, A Importância do Não Sei. [s.l.]: GNT, 2017. Son., color. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/gnt/v/6277588/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br